

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA CRISTINA PANDOLFO

**A FLECHA ANTICOLONIAL DE GUERREIRO RAMOS: POR UMA SOCIOLOGIA
AUTENTICAMENTE BRASILEIRA**

**CHAPECÓ
2023**

ANA CRISTINA PANDOLFO

**A FLECHA ANTICOLONIAL DE GUERREIRO RAMOS: POR UMA SOCIOLOGIA
AUTENTICAMENTE BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção
do título de licenciada em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudete Gomes Soares

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pandolfo, Ana Cristina

A FLECHA ANTICOLONIAL DE GUERREIRO RAMOS: POR UMA SOCIOLOGIA AUTENTICAMENTE BRASILEIRA / Ana Cristina Pandolfo. -- 2023.

77 f.:il.

Orientadora: Dra. Claudete Gomes Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2023.

1. Guerreiro Ramos. 2. Pensamento social brasileiro. 3. Descolonização. 4. Teorias pós-colonial.. 5. Redução Sociológica. I. Soares, Claudete Gomes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.


ANA CRISTINA PANDOLFO

**A FLECHA ANTICOLONIAL DE GUERREIRO RAMOS: POR UMA SOCIOLOGIA
AUTENTICAMENTE BRASILEIRA**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção
do título de licenciada em Ciências Sociais.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudete Gomes Soares

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/11/2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDETE GOMES SOARES**
Data: 06/12/2023 12:27:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Claudete Gomes Soares – (UFFS/Chapecó)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **LEONARDO RAFAEL SANTOS LEITAO**
Data: 13/12/2023 15:39:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Rafael Santos Leitão – (UFFS/Chapecó)
Membro da Banca Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO MACHADO**
Data: 12/12/2023 10:30:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Machado – (UFFS/Chapecó)
Membro da Banca Avaliadora

A todos os amantes das causas perdidas.

Distraídos venceremos!

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita é solitário. Mas vivenciá-lo só é possível com o apoio de muitas pessoas, e este é o momento de lembrar de todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desse trabalho.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Dra. Claudete Gomes Soares, que aceitou ser minha guia nesta jornada. Leu atentamente meus escritos e fez valiosas críticas e contribuições. Além de orientadora disponível e generosa, foi uma professora memorável, que revelou para mim o mundo da Sociologia em todas as disciplinas que com ela cursei desde o primeiro semestre (gostaria que tivessem sido mais numerosas) e foi uma inspiração até a conclusão do curso. Um exemplo de socióloga, professora e de servidora pública. As deficiências que certamente existem no trabalho se devem exclusivamente à mim.

Agradeço a todos os professores do curso de Ciências Sociais, que abriram os caminhos da Sociologia, da Antropologia, da Ciência Política e da docência e, em sua maioria, cultivaram em mim a admiração pelo ofício de cientista social e professora. Todos vocês auxiliaram de uma forma ou outra na produção não só deste trabalho, mas de minha dissertação de Mestrado em História, que foi produzida inteiramente enquanto cursava esta graduação. Sempre que precisei, pude contar com a compreensão dos docentes e não teria sido possível concluir ambos os projetos sem ela.

Sou muito grata, ainda, aos meus colegas de Universidade. Sempre foram generosos ao me ouvir e muito me ensinaram. Ainda que estejamos em locais ou tempos diferentes, carregarei vocês sempre comigo.

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, pelo acesso à formação pública, de qualidade e gratuita e aos movimentos sociais que, com muita luta e vencendo muitas dificuldades, garantiram a sua fundação em nossa cidade.

Devo gratidão sem limites aos meus colegas da Vara do Trabalho de Xanxerê, em especial ao magistrado Régis Trindade de Mello, por sua valiosa compreensão com minhas demandas acadêmicas e parceria nos momentos em que necessitei.

À minha mãe e irmãos, que sempre foram uma inspiração por suas atitudes e que acreditam em mim exageradamente. Um carinhoso agradecimento aos meus amigos, sempre dispostos a ouvir, dividir e a me apoiar quando me sentia incapaz ou exausta pelos muitos projetos que assumo. Vocês sabem quem são e o quanto os valorizo em minha vida.

Meu enternecido “muito obrigada!”

QUEIXA-SE O POETA DA PLEBE IGNORANTE E
PERSEGUIDORA DAS VIRTUDES
(Gregório de Matos)

Que me quer o Brasil que me persegue?
Que me querem pagastes que me invejam?
Não veem que os entendidos me cortejam,
E que os nobres é gente que me segue?

Com seu ódio a canalha que consegue?
Com sua inveja os néscios que motejam?
Se quando os néscios por meu mal mourejam
Fazem os sábios que a meu mal me entregue.

Isto posto, ignorantes e canalha,
Se ficam por canalha e ignorantes
No sol das bestas a roerem a palha:

E se os Senhores nobres e elegantes
Não querem que o soneto vá de valha,
Não vá, que tem terríveis consoantes.

- Aqui estamos, Dom Quixote, esse velho birrento, vosso avô, e eu, Sancho Pança, seu fiel
escudeiro, saídos em campanha.

- E quem é Dulcinéia? A donzela a proteger?

- A mesma do Cavaleiro de La Mancha, meus filhos: a liberdade.

(Jorge Amado. "Farda Fardão Camisola de Dormir")

RESUMO

Esta pesquisa investiga a possibilidade de inscrever o nome do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos nos debates sobre o colonialismo, colonialidades e a luta anticolonial, analisando-se grande parte da obra do autor, especialmente a produzida entre as décadas de 1950 e 1960, em busca de indícios sobre uma crítica pós-colonial e uma proposta de descolonização epistêmica. O trabalho, inscrito no campo da Sociologia, em especial do Pensamento Social Brasileiro, e sob a perspectiva da crítica anticolonial, deriva de pesquisa bibliográfica de comentadores e de livros e textos do próprio intelectual estudado. Introduz sucintamente a biografia do autor e o campo da Sociologia brasileira, em face da pouca importância dada ao autor nesta área. Busca-se expor o pensamento de Guerreiro Ramos, colocando-o em conversa com os principais nomes da perspectiva anticolonial, a fim de demonstrar sua importância e atualidade, debater sua ausência no cânone das Ciências Sociais no Brasil, e defender seu lugar como um dos primeiros e mais relevantes pensadores pós-coloniais latino-americanos, além de sociólogo incontornável. Ganha centralidade no trabalho a sua obra mais relevante: “A Redução Sociológica”. Tem-se que sua robusta produção intelectual é muito atual, em especial nos debates sobre colonialidade e descolonização epistêmica e cultural.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Pensamento social brasileiro. Descolonização. Teorias pós-colonial. Redução Sociológica.

ABSTRACT

This research seeks to investigate whether it is possible to inscribe the name of the Brazilian sociologist Alberto Guerreiro Ramos within the debates on colonialism, colonialities, and the anti-colonial movement, analyzing a large part of the author's work, especially the one produced between the 1950s and 1960s, searching for indications of a postcolonial critique and a proposal for epistemic decolonization. The work, inscribed in the field of Sociology, especially Brazilian Social Thought, and from the perspective of anti-colonial criticism, derives from bibliographical research of reviewers and books and texts of the intellectual himself. It briefly introduces the author's biography and the field of Brazilian Sociology, due to the lack of importance given to the author in this area. It aims to present Guerreiro Ramos' thought, placing him in the anti-colonial perspective, in order to demonstrate its importance and relevance, to discuss his absence in the canon of Social Sciences in Brazil, and to defend his place as one of the first and most relevant Latin American postcolonial thinkers, as well as an unavoidable Brazilian sociologist. His most relevant work, "The Sociological Reduction", occupies a prominent position in the paper. His powerful intellectual work is very up-to-date, especially in the debates on coloniality and epistemic and cultural decolonization.

Keywords: Guerreiro Ramos. Brazilian Social Thought. Decolonization. Post-colonial theories. Sociological reduction.

RESUMEN

Esta pesquisa se propone investigar la posibilidad de insertar el nombre del sociólogo brasileño Alberto Guerreiro Ramos en los debates sobre colonialismo, colonialidades y movimiento anticolonial, analizando gran parte de su obra, especialmente la producida entre las décadas de 1950 y 1960, en busca de indicios de una crítica poscolonial y de una propuesta de descolonización epistémica. El trabajo, inscrito en el campo de la Sociología, especialmente del Pensamiento Social Brasileño, y desde la perspectiva de la crítica anticolonial, deriva de investigaciones bibliográficas de revisores y de libros y textos del propio intelectual. Presenta brevemente la biografía del autor y el campo de la Sociología brasileña, debido a la poca importancia dada al autor en esta área. Pretende presentar el pensamiento de Guerreiro Ramos, situándolo en la perspectiva anticolonial, para demostrar su importancia y relevancia, discutir su ausencia en el canon de las Ciencias Sociales en Brasil y defender su lugar como uno de los primeros y más relevantes pensadores poscoloniales latinoamericanos, así como un ineludible sociólogo brasileño. Su obra más relevante, "La reducción sociológica", ocupa un lugar destacado en el trabajo. Su poderosa obra intelectual es de gran actualidad, especialmente en los debates sobre la colonialidad y la descolonización epistémica y cultural.

Palabras clave: Guerreiro Ramos. Pensamiento Social Brasileño. Descolonización. Teorías poscoloniales. Reducción sociológica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ONU	Organização das Nações Unidas
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
TEN	Teatro Experimental do Negro
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Guerreiro Ramos em diferentes momentos da vida (imagens não datadas)	18
Figura 2 - Abdias do Nascimento (foto sem data) e sua obra mais famosa “Okê Oxóssi” de 1970, atualmente em destaque no salão principal do MASP	22
Figura 3 – “A Flecha de Guerreiro Ramos: Oxossi”, 1971.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	GUERREIRO E A SOCIOLOGIA COMO CAMPO DE BATALHA	18
2.1	GUERREIRO RAMOS: BIOGRAFIA DE UM <i>OUTSIDER WITHIN</i>	18
2.2	A SOCIOLOGIA NO BRASIL: O CAMPO DE BATALHA DE GUERREIRO. 25	
2.2.1	Duelo ou Duetto? Sociologia em ato e Sociologia em hábito	31
2.2.2	Guerreiro e o Cânone: a questão étnico-racial na Sociologia brasileira.....	38
3	UM GUERREIRO ANTICOLONIAL ANTES DO DECOLONIAL	46
3.1	O PROCESSO COLONIZADOR E A PRODUÇÃO DA MODERNIDADE	47
3.2	COLONIALIDADE DO SABER ↔ CIÊNCIA CONSULAR	51
3.3	ESTUDOS SUBALTERNOS E O BRASIL: UM GUERREIRO DO PENSAMENTO LIMINAR.....	54
3.4	FLECHA DE GUERREIRO RAMOS: A REDUÇÃO SOCIOLÓGICA	57
3.4.1	As leis da Redução Sociológica.....	58
3.4.2	A redução sociológica e o sociologizar.....	63
3.5	GUERREIRO RAMOS: O FILHO NATIVO ANTICOLONIAL.....	65
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

1 INTRODUÇÃO

Poucos meses após defender minha dissertação de mestrado em História, na qual me dediquei ao estudo do pensamento anticolonial e suas diversas correntes, e ainda cursando o sétimo semestre de Ciências Sociais, deparei-me pela primeira vez com um texto de Guerreiro Ramos em uma disciplina sobre o pensamento social brasileiro. Tratava-se de um capítulo da obra “A Redução Sociológica” e a sua leitura colocou-me no caminho deste trabalho.

Num primeiro momento, fiquei surpresa com o tom da escrita do sociólogo, menos formal e mais direto que as leituras de nosso campo. Num segundo momento, busquei o ano da escrita daquele livro, e estremeceu-me o fato de nunca ter me deparado com seus textos ou seu nome nas diversas leituras que fiz sobre a perspectiva anticolonial e decolonial, lembrando-me especificamente do fato de que é notória a ausência de brasileiros neste “clube”. Naquele momento escrevi uma nota em meu caderno, “ideia de pesquisa de TCC”. E aqui estamos.

Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), um autor negro¹ e militante, foi uma das figuras mais relevantes no debate das Ciências Sociais no Brasil na década de 1950 e 1960, integrando a primeira geração de cientistas sociais formada em universidades nacionais. Contudo, apesar de estar em intenso contato com outros membros de sua geração, como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, trabalhou à margem da academia. Apesar de ter escrito dezenas de livros e textos sobre os mais diversos temas, é um desconhecido das ementas dos cursos de Ciências Sociais do país.

E o tema que inspirou este trabalho foi a preocupação do autor em produzir uma teoria sociológica autenticamente brasileira, criticando o pretensão universalismo científico e a importação acrítica de teorias, imediatamente colocando o autor em contato com minhas leituras prévias de pensadores pós-coloniais, em especial os latino-americanos e os pan-africanistas.

Como hoje já é bem difundido, a dominação colonial se manifesta por diversos meios, não se limitando à violência da ocupação ou do extermínio material de povos nativos, mas abarcando uma imposição epistemológica, cultural e linguística, estas que sobrevivem ao fim

¹ Guerreiro Ramos às vezes se posicionava como negro, às vezes como “mulato”. Quando se identificava como mulato, isso geralmente se referia a sua subjetividade, indicando que ele era uma pessoa “entre mundos” e grupos diversos, não pertencente exclusivamente a nenhum deles; porém, quando precisou marcar posições políticas frente aos intelectuais brancos, ele se identificou como negro. (CALDAS, Alan. A teoria social de Guerreiro Ramos: A formação de um habitus sociológico na periferia do capitalismo. [tese]. Universidade Federal de São Carlos, 2021, p. 79).

do período colonial propriamente dito. A luta pela descolonização não acaba quando triunfam as lutas pela independência, mas tomam outras formas.

O termo “pós-colonialismo” pode se referir tanto ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização pelas nações europeias quanto pelo conjunto de contribuições teóricas oriundas dos estudos literários e culturais que ganharam espaço a partir dos anos 1980, que se tornou, segundo Ballestrin, uma espécie de moda acadêmica.²

Consoante Stuart Hall³, o termo pós-colonial tem alto nível de abstração e faz referência ao processo de descolonização que, assim como a colonização, marcou tanto as sociedades colonizadoras quanto as colonizadas, perdendo-se sentido o binarismo colonizador/colonizado, ou seja: a colonização inscreveu-se na cultura das nações colonizadoras assim como na dos colonizados. O termo faz uma releitura da colonização como um processo global transnacional e transcultural, produzindo uma reescrita diaspórica das narrativas imperiais. Essa nova narrativa desloca a modernidade capitalista da Europa para as “periferias” e produz uma ruptura na grande produção historiográfica liberal.

Consideram-se fundadores da chamada crítica pós-colonial o trio formado por Albert Memmi, Aimé Césaire e Frantz Fanon, somando-se a eles o autor da ideia de Orientalismo, Edward Said. Das diferentes vertentes e idiosincrasias, tem-se como pós-colonial a ascensão de vozes subalternas à condição de sujeitos de sua própria história e epistemologias.

A concepção de decolonialidade ou de giro decolonial, termo criado por Maldonado-Torres, também têm destaque, significando as ideias já contidas em Quijano (que prega a necessidade de descolonizar) e em Dussel (que usava o termo transmodernidade), relacionando-se a um projeto de romper com a lógica monolítica da modernidade e do eurocentrismo. Em poucas palavras, a perspectiva decolonial “fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção de conhecimento”.⁴

Decolonial, deste modo, é a vertente de um grupo específico latino-americano de estudiosos que pensa o pós-colonial a partir da América Latina e da ideia de colonialidade. Este conceito da colonialidade é crucial – o que Fanon chamou de complexo colonialista - propondo que o colonialismo – enquanto dominação econômica e político-administrativa de um país sobre outro – é uma de muitas formas possíveis da configuração colonialista, esta que pode sobreviver

² BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 90.

³ HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte : Estação UFMG, 2009, p. 102-106.

⁴ BALLESTRIN, 2013, op. cit., p. 105-110.

inclusive ao fim formal do colonialismo. A colonialidade, segundo Quijano⁵, sobrevive ao colonialismo, reproduzindo-se nas estruturas de poder e de dependência por ele criados, especialmente nas subjetividades e na epistemologia, que se reproduzem e se atualizam constantemente, caracterizadas pelo eurocentrismo.

Importa dizer que, ao tratar da epistemologia ou perspectiva que luta contra as colonialidades, tenho preferência pelo uso do termo anticolonial - que diz com a luta contra o colonialismo em todas as suas formas - ao pós-colonial, que pode ser confundido com o sentido de continuidade e não com o de busca por uma transformação ou com a teoria pós-colonial derivada da Europa, como se verá adiante. Decolonial, por sua vez, é um termo específico do grupo Modernidade/Colonialidade da América Latina, e deriva do termo “descolonial”, usado inicialmente por Mignolo, com a supressão do “s” por sugestão de Catherine Walsh, como forma de demarcar a diferença do Grupo e a ideia de movimentos históricos de descolonização⁶.

Como se verá no desenvolvimento deste trabalho, os estudos que fazem uma crítica ao colonialismo e às colonialidades não se constituem em matriz única, mas, como exposto por Costa, são um campo teórico difícil, se não impossível, de ser delimitado justamente porque os estudos pós-coloniais exploram as fronteiras e produzem uma reflexão para além da teoria.⁷

Contudo, há uma expressiva lacuna no debate destas escolas, especialmente no Grupo Modernidade/Colonialidade, que é a questão sobre e com o Brasil. Conforme Ballestrin, o país aparece quase como uma realidade apartada da realidade latino-americana, sendo sugestivo o fato de não haver um(a) pesquisador(a) brasileiro(a) associado(a) ao grupo, resultando uma análise que privilegia a América hispânica em detrimento da portuguesa e chama pouca atenção aos processos de colonialidade e subimperialismo dentro do continente, à exceção dos Estados Unidos.⁸

A despeito disso, podem-se identificar nos escritos e discursos de diversos intelectuais e militantes brasileiros elementos da perspectiva anticolonial ao mesmo tempo em que estes grupos estavam produzindo seus trabalhos – ou mesmo antes –, embora não sejam formalmente citados ou tidos como expoentes dessa crítica. Tentar, especificamente, analisar as Ciências

⁵ BARBOSA, Muryatan S. A atualidade de Frantz Fanon: acerca da configuração colonialista. In Washington Santos Nascimento; Silvio de Almeida Carvalho Filho (Orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Rio de Janeiro: Pontes, 2018, v. I, p. 443.

⁶ BALLESTRIN, 2013, op. cit., p. 108.

⁷ COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 60, n. 21, p. 117-134, 2006, p. 117-118.

⁸ BALLESTRIN, 2013, op. cit., p. 112.

Sociais sob uma ótica anticolonial, de forma a de fato desprovincializá-la, foi uma tarefa a que se lançou o autor que aqui se pretende estudar: Guerreiro Ramos.

Assim se desenha o objetivo geral da presente pesquisa: expor o pensamento de Guerreiro Ramos, colocando-o em conversa com os principais nomes da perspectiva anticolonial, a fim de demonstrar seu legítimo título como um dos primeiros e mais relevantes pensadores pós-coloniais latino-americanos. Com base nisso, nosso problema finca alicerces nos seguintes questionamentos: Quem foi Guerreiro Ramos? O que diz a perspectiva anticolonial? Analisando seus textos mais importantes, é possível incluí-lo dentro desta epistemologia?

Justifica-se a escolha do presente tema na necessidade que, eu, como estudante de Ciências Sociais, enxergo em estudar um autor pouco referenciado na sociologia brasileira, que é muito mais mobilizado por estudos de outras áreas, como Administração, por conta de seus escritos sobre gestão e poder, do que nas Ciências Sociais. Além disso, o debate anticolonial é muito rico e tem sido revisitado constantemente, havendo poucas pesquisas que coloquem autores brasileiros neste campo, pelo que acredito poder dar uma contribuição, ainda que pequena e bibliográfica, para a área.

A pesquisa pretende apresentar o autor, colocando-o em diálogo com o pensamento anticolonial, com especial atenção aos autores latino-americanos e pan-africanistas, mapeando argumentos e elementos de seus escritos e práticas que poderiam colocá-lo como intelectual anticolonial. Ganha centralidade no trabalho a sua obra mais relevante: “A Redução Sociológica”.

Destaca-se que não se fará um trabalho biográfico ou uma historiografia das ideias, o que fugiria ao escopo e mesmo competência da acadêmica para um trabalho de conclusão de curso. O que se pretenderá é desenhar a perspectiva anticolonial e buscar suas características e marcadores na obra e pensamento de Guerreiro Ramos, partindo de autores que já o estudam e de alguns de seus escritos, e contribuir, ainda que modestamente, para o conhecimento sobre este sociólogo que tanto disse e tão pouco foi ouvido.

Para que se alcancem os objetivos propostos, relativamente aos procedimentos, considerando o tema, a pesquisa bibliográfica terá grande enfoque. O autor a ser estudado viveu e produziu textos sobre os mais diversos temas, contudo é ainda pouco pesquisado no Brasil na área das Ciências Sociais. Apesar disso foi possível ter acesso a boa parte de sua obra e de comentadores, o que se entende suficiente para o escopo deste trabalho de conclusão de curso, que se pretende de menor fôlego e aprofundamento.

O trabalho será dividido em dois capítulos. O primeiro buscará apresentar Guerreiro Ramos e o pensamento social brasileiro de sua época, além de alguns dos embates em que o autor se viu metido. O segundo capítulo abordará a epistemologia anticolonial/decolonial, suas diversas vertentes e principais pensadores, com foco no grupo Modernidade/Colonialidade latino-americano, para então adentrar em sua obra mais relevante, “A Redução Sociológica”, pretendendo-se traçar as possíveis conexões entre o autor estudado e o pensamento anticolonial.

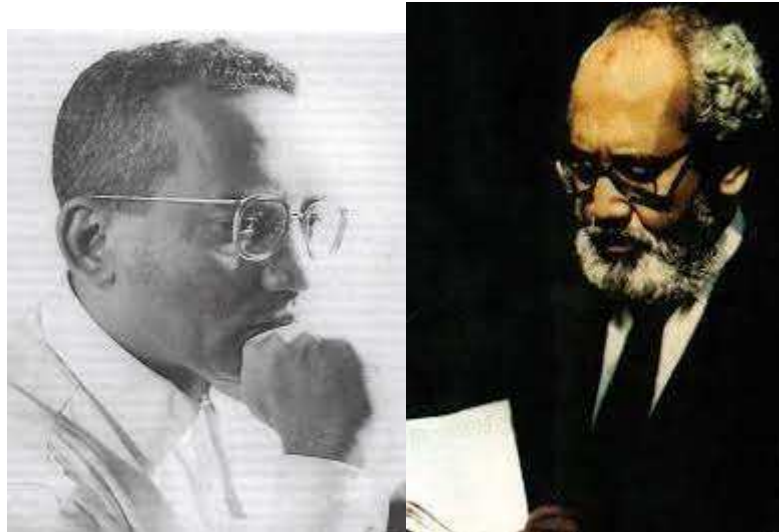
2 GUERREIRO E A SOCIOLOGIA COMO CAMPO DE BATALHA

“Se meus demônios me abandonarem, temo que meus anjos desapareçam também.”

Rainer Maria Rilke

2.1 GUERREIRO RAMOS: BIOGRAFIA DE UM *OUTSIDER WITHIN*

Figura 1 - Guerreiro Ramos em diferentes momentos da vida (imagens não datadas)



Fonte: Folha e Capa “A Redução Sociológica”⁹.

Alberto Guerreiro Ramos (doravante sempre mencionado como Guerreiro, nome que expressa com maior justiça o autor e apresenta maior potencial de identificação que “Ramos”) nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 13 de setembro de 1915, filho de Vítor Juvenal Ramos e Romana Guerreiro Ramos. Segundo pesquisa de Caldas¹⁰, o avô de Guerreiro nasceu livre numa família de pessoas escravizadas e sua avó era angolana, igualmente vendida como escravizada. Há divergência sobre a profissão de seu pai, podendo ter sido maestro ou capitão do exército.

Em mais recente obra produzida sobre o autor, afirma-se que sua família era de fazendeiros de cacau do sul da Bahia, cujas origens se confundem mesmo com a história do

⁹ Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/05/04/200-livros-importantes-para-entender-o-brasil/livro/introducao-critica-a-sociologia-brasileira/> e capa da edição de 1982 de “A Redução Sociológica”.

¹⁰ CALDAS, op. cit., p. 35.

Brasil, incluindo europeus (portugueses), africanos (norte da África e região de Angola-Benguela) e Ameríndios, mas no caso de Guerreiro esta miscelânea pedia para destacar sua ascendência africana.¹¹ Sabe-se que Guerreiro passou sua infância entre diversas cidades na região do Rio São Francisco.

Evidencia-se, assim, que o sociólogo tem origem nas classes sociais mais baixas da Bahia e descende de africanos, o que, conforme Caldas, concedeu-lhe a pele escura como herança genética. O próprio autor atribuía ao fato de ser negro no Brasil seu insucesso social, conforme entrevista de Lúcia Lippi Oliveira em 1995¹².

Guerreiro foi levado a trabalhar desde muito jovem, após a morte de seu pai, embora tenha conseguido concluir a educação primária e secundária por conta de contatos que sua mãe, lavadeira, tinha com famílias da classe dominante de Salvador. Desde os 14 anos revelou talento intelectual, trabalhando como “professor explicador de seus colegas ricos, moças e rapazes das melhores famílias de Salvador”, usando do dinheiro obtido para ajudar a mãe e comprar livros. Este cenário lhe rendeu algum capital social e cultural, que lhe possibilitou estreitar como crítico em uma revista com apenas 20 anos de idade.¹³

Um ponto decisivo na formação cultural e intelectual do autor foi seu estreito contato com um padre alemão que atuou como uma espécie de mentor, por influência do qual frequentou aulas de tomismo no mosteiro São Bento, onde aprendeu as regras básicas do trabalho intelectual e teve acesso a extensa biblioteca.¹⁴

Nesse início de sua vida intelectual, conforme Barbosa, “é difícil saber o quanto o fato de ser mestiço escuro, negro, pode ter impactado na vida do jovem Guerreiro Ramos”. Mas o estigma racial certamente o acompanhou em Salvador, quando estudante de escola de elite, o Ginásio da Bahia, e mais tarde como ensaísta, poeta (sua primeira publicação é o livro de poesia “O drama de ser dois”, de 1937) e líder católico na década de 1930.¹⁵

Esta sua ligação com a igreja católica ajuda a explicar seu envolvimento, na juventude, com o movimento Integralista¹⁶, algo que mais tarde será usado contra o autor inclusive para

¹¹ RAMOS, Alberto Guerreiro. Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil : ensaios, artigos e outros textos (1949-1973) : organização Muryatan S. Barbosa. 1ª Ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2023, p. 14-15.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p. 37-38.

¹⁵ BARBOSA in: RAMOS, 2023, op. cit., p.16.

¹⁶ O integralismo foi um movimento expressivo que nasceu nos 1930, inspirado no fascismo europeu, mas que se definiu como uma doutrina nacionalista cujo conteúdo era mais cultural que econômico. Combatia o capitalismo financeiro e pretendia estabelecer o controle do Estado sobre a economia, mas sua ênfase maior se encontrava na tomada de consciência do valor espiritual da nação, assentado nos princípios unificadores: “Deus, Pátria e Família”. Seus inimigos eram o liberalismo, o capitalismo internacional (em mãos dos judeus) e o socialismo.

explicar seu insucesso político e apagamento intelectual. Guerreiro participou da Ação Integralista Brasileira (AIB) entre 1932 e 1935, militando dentro do movimento no grupo católico, muito provavelmente motivado pelos encontros teóricos entre a ideologia integralista com o catolicismo, como o antiliberalismo, a condenação ao comunismo, a busca por um progresso moral e de uma resolução pacífica para o conflito de classes. E foram também motivos ideológicos, além de políticos, que afastaram Guerreiro do Integralismo, já que era contrário às ideias de um Estado autoritário em detrimento de liberdades individuais¹⁷.

Caldas relata como Guerreiro conseguiu acumular um certo capital cultural e social que lhe permitiu, mesmo jovem e com pouca formação universitária, ascender a posições normalmente ocupadas por brancos de classes altas:

Evidência disso é que, em 1938, quando Getúlio Vargas nomeou Landolfo Alves como Interventor do Estado da Bahia, este pediu a Rômulo de Almeida que recrutasse as “inteligências moças de Salvador” e as trouxesse para seu governo, um dos convidados foi Guerreiro Ramos que ocupou o cargo de assistente na Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Além disso, com cerca de 20 anos, ainda sem nenhum diploma universitário, ele já havia conquistado a cadeira de sociologia na recém-criada Faculdade de Filosofia da Bahia.¹⁸

No final da década de 1930, o autor obteve uma bolsa do governo da Bahia e mudou-se para o Rio de Janeiro (capital do país, à época) a fim de estudar na primeira turma do curso de Ciências Sociais na recém fundada Faculdade Nacional de Filosofia ligada à Universidade do Brasil. Ali iniciou um processo de mudança intelectual do campo ensaístico-literário para a carreira de sociólogo profissional.

O período em que passou na Universidade foi marcado por intensa crise interna do intelectual, que criticou fortemente o modelo de ensino autoritário e a forma de se pensar as Ciências Sociais no Brasil. Seu estado de angústia e dúvida levou-o a perder empregos e cargos, obrigando-o a trabalhar em aparelhos públicos que sequer tinham espaços previstos para a profissão de sociólogo. Assim, a inserção de Guerreiro no campo emergente das Ciências Sociais estava inexoravelmente ligada à sua entrada no espaço político e administrativo do Estado¹⁹. Formou-se em Ciências Sociais em 1942 e em Direito em 1943.

Seus principais líderes foram Plínio Salgado e Miguel Reale. (vide TRINDADE, Helgio. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 1930 In: Bóris Fausto (org.). História Geral da Civilização Brasileira. Brasil republicano. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, t. III, vol. 10, p. 359-402).

¹⁷ CALDAS, op. cit., p. 39.

¹⁸ Ibidem, p. 79.

¹⁹ Ibidem, passim.

Conforme relata Bariani, Guerreiro atribuía à política a inviabilidade de sua carreira acadêmica no Brasil, vez que, segundo ele, havia sido indicado por André Gros para sucedê-lo na Cadeira de Política da Faculdade Nacional de Filosofia e também para a de Jacques Lambert, Sociologia, mas assumiram Vitor Nunes Leal²⁰ e Costa Pinto²¹, respectivamente. Era 1943 e, no contexto da Segunda Guerra, teria sido acusado – por comunistas – de colaboracionista por seu passado integralista (alegava inocência por há muito tempo não ter mais nenhuma empatia com o movimento). A partir daí e durante toda a sua vida acreditar-se-á um perseguido político por exercer uma certa independência de pensamento, não se aferrando – segundo ele – a seitas e conluios.²²

Durante os anos de 1948 e 1955, Guerreiro se ligou ao Teatro Experimental do Negro (TEN), organização política e cultural antirracista do Rio de Janeiro, o que causou grande impacto em sua produção, questionando as posições teóricas dominantes no tocante às relações raciais no Brasil, consolidando sua amizade com Abdias do Nascimento que duraria toda a vida do sociólogo. Para o próprio Abdias, o TEN não seria nem uma sociedade política, nem uma associação artística, mas um experimento psicossociológico, tendo em vista “adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira”²³.

Guerreiro tinha grande admiração por Abdias, escrevendo textos sobre o autor, em que descreve sua arte em tons dos mais lisonjeiros. Afirmou que “as telas de Abdias são impregnadas pela intenção de transcender a própria pintura. O importante pra ele é que a arte é um meio de redenção humana, isto é, um meio de libertar a mente do mundo convencional e objetificado”.²⁴ E a admiração era retribuída, tendo o artista pintado tela em homenagem ao sociólogo (figura 3) intitulada “A Flecha de Guerreiro Ramos: Oxóssi”. Abdias foi também

²⁰ Vitor Nunes Leal foi um jurista mineiro influente a partir dos anos 1950, tendo sido ministro do Supremo Tribunal Federal. Sua obra mais relevante intitula-se “Coronelismo, enxada e voto”, em que analisa as raízes do fenômeno coronelista brasileiro e é considerada uma das primeiras obras da moderna ciência política do país. (BARBOSA, Pedro. SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Vitor Nunes Leal. Disponível em <https://sbsociologia.com.br/project/vitor-nunes-leal/>. Acesso em 2 ago 2023.)

²¹ Luiz de Aguiar Costa Pinto nasceu em família de elite da Bahia e foi um relevante sociólogo contemporâneo de Guerreiro, responsável por elaborar o conceito de “marginalidade estrutural”. Branco, criticou os estudos afro-brasileiros por seu viés culturalista, propondo uma abordagem sociológica das relações raciais. (CHOR MAIO, Marcos, LOPES, Thiago. SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Luiz de Aguiar Costa Pinto. Disponível em <https://sbsociologia.com.br/project/luiz-de-aguiar-costa-pinto/>. Acesso em 2 ago 2023.)

²² BARIANI JUNIOR, Edison. A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). – Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 44-45.

²³ RAMOS, 2023, op. cit., p.48.

²⁴ Ibidem, p. 294.

teatrólogo, ativista, deputado federal (1983-1987) e senador (1997-1999, suplente de Darcy Ribeiro), tendo sido indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2010.²⁵

Figura 2 - Abdias do Nascimento (foto sem data) e sua obra mais famosa “Okê Oxóssi” de 1970, atualmente em destaque no salão principal do MASP



(Fonte: Impressões de Maria²⁶).

À produção intelectual de Guerreiro no período corresponde às suas obras mais citadas: *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957) e a *Redução Sociológica* (1958).

²⁵ DA SILVA, Mario A. Medeiros. Abdias do Nascimento. SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Luiz de Aguiar Costa Pinto. Disponível em <https://sbsociologia.com.br/project/abdias-do-nascimento/>. Acesso: ago 2023.)

²⁶ FERREIRA, Maria. “Passeio Cultural em São Paulo – Exposição ‘Abdias do Nascimento: um artista panamefricano’ no MASP. Disponível em: <https://impressoesdemaria.com.br/2022/04/passeio-cultural-em-sao-paulo-exposicao-abdias-nascimento-um-artista-panamefricano-no-masp/>. Acesso: ago de 2023.

Figura 3 – “A Flecha de Guerreiro Ramos: Oxossi”, 1971.



(Fonte: Itaú Cultural.²⁷)

No final de 1943, Guerreiro foi contratado no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), onde trabalhou até início dos anos 1950 em diversas funções, lidando com os departamentos de agricultura, penitenciárias, instituições policiais, ensino e difusão científica, ministrando cursos sobre mortalidade infantil, assimilação e aculturação de imigrantes, psicologia social, problemas econômicos no Brasil, sociologia aplicada à administração pública, sociologia rural, etc.²⁸

Entre 1955 e 1958 foi diretor do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)²⁹. Em 1960, inicia sua breve carreira política, filiando-se ao PTB e passa a fazer parte do Diretório Nacional do partido. No ano seguinte, representando o Brasil, viaja para a China comunista de Mao Tsé-Tung e chega a ser recebido pelo revolucionário. Daí, partiu para a União Soviética onde participou de conferências. De ambos retorna com intensas

²⁷A flecha de Guerreiro Ramos: Oxossi. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra68784/a-flecha-do-guerreiro-ramos-oxossi>. Acesso em: ago.2023.

²⁸CALDAS, op. cit., p. 185.

²⁹Em julho de 1955, Guerreiro Ramos participou da fundação do ISEB, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, responsável por diversos cursos livres nas áreas da economia, sociologia, política, relações internacionais e filosofia. O órgão teve grande influência na vida política brasileira até o Golpe de 1964. Nessa instituição, Ramos dirigiu o departamento de sociologia até 1958, quando deixou o Instituto devido ao apoio desse à candidatura do Marechal Henrique Lott à presidência da República. De certa maneira, o ISEB continuou os planos do IBESP de produzir diagnósticos científicos, acerca da realidade brasileira, para serem usados em projetos políticos. O ISEB foi um dos nichos mais importantes de elaboração da ideologia do nacional-desenvolvimentismo (ABREU, Alzira Alves de. O ISEB e o desenvolvimentismo. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. Acesso em: 6 jun. 2021.)

críticas. Na XVI Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Guerreiro igualmente representou o país e integrou a Comissão de Estudos Econômicos.³⁰

Em 1962 foi candidato a deputado federal pelo Estado da Guanabara, não se elegendendo, mas ficando como segundo suplente. Em 1963 assume a cadeira na Assembleia Nacional com o afastamento de Leonel Brizola, onde permaneceu até o Golpe Militar de 1964, quando teve seu mandato cassado. Seus textos mais importantes nesse período estão reunidos em *O problema nacional do Brasil* (1960), *A crise do poder no Brasil* (1960) e em *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963).³¹

A cassação de seu mandato, ocorrida com o Golpe de 1964, o atingiu de maneira profunda, tendo se desiludido com a política e com o país. Um episódio marcante deste período foi narrado pelo próprio autor mais tarde, tendo lembrado que ao ser “convidado” a depor na Comissão de Inquérito do Conselho de Segurança Nacional – órgão de repressão da ditadura militar – em 1965, tomou conhecimento do conteúdo de sua ficha pessoal, um relatório confidencial em que era descrito como: “Alberto Guerreiro Ramos: mulato, metido a sociólogo”. Por conta disso afirmou que “o Brasil é o país mais racista do mundo”.³²

Constantemente pressionado pelo regime militar, Guerreiro procura exílio nos Estados Unidos em 1966, e passa a se dedicar à teoria da administração pública e das organizações, escrevendo *Administração e estratégia de desenvolvimento* (1966) e, sua principal obra do período, *A nova ciência das organizações* (1981), escrita enquanto era professor na Universidade do Sul da Califórnia, entre 1966 e 1981.³³ Nos EUA, foi *Visiting Fellow* da Yale University, professor visitante da Wesleyan University em 1972-1973 e depois *Full Professor* da Universidade do Sul da Califórnia.

Com a mudança da conjuntura política do Brasil, em 1979, o sociólogo foi convidado a desenvolver um programa de pós-graduação em planejamento governamental para a Universidade Federal de Santa Catarina que, com a ajuda de seus pesquisadores associados, foi implementado em 1980. A partir de então, Guerreiro tornou-se um professor visitante de Santa Catarina, além de palestrante convidado em outras universidades federais, fundações e institutos brasileiros, e escreveu diversos artigos para o *Jornal do Brasil*. Sua contribuição para a área da Administração é reconhecida mundialmente. É de sua autoria, inclusive, o primeiro projeto de lei para regulamentar a profissão de administrador no país.

³⁰ CAVALCANTI, Bianor Scelza, COSTA, Frederico Lustosa da. Guerreiro Ramos: entre o passado e o futuro. – Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019, p. 39-40.

³¹ *Ibidem*, p.15-16.

³² RAMOS, 2023, op. cit., p.18-19.

³³ CAVALCANTI, COSTA, op. cit., p. 41.

Guerreiro saiu do Brasil como grande sociólogo e regressou como um nome vinculado à área da Administração Pública, mas não recebeu o prestígio merecido entre seus pares nacionais. Apesar de seus evidentes avanços intelectuais e teóricos, seu retorno ao Brasil não teve as pompas que imaginou e que, de fato, conforme Cavalcanti e Costa, ser-lhe-iam merecidas. Isso lhe redeu certo amargor e inconformismo. Confiava demasiadamente em seu próprio trabalho, tendo dito em entrevista mais tarde: “quando leio meus livros, sobretudo os livros sobre o Brasil, é uma coisa de uma intuição, de uma lucidez, puta que o pariu [...] Eu me vejo como o maior sociólogo brasileiro”. Afirmou ainda ser “uma pessoa frustrada [...] não tenho o reconhecimento que mereço no Brasil.”³⁴

Guerreiro fugiu aos padrões acadêmicos da época. Não seguiu receitas nem produzia segundo os cânones, “trabalhava nas bordas, para além ou aquém dos paradigmas”. Não escreveu dissertação ou tese, tendo sido um verdadeiro *flaneur* intelectual. Sua trajetória oscilou entre comprometimento e ceticismo, tendo sido sempre um intelectual solitário³⁵.

Faleceu de câncer em 6/4/1982 em Los Angeles, deixando esposa, dois filhos, seis netos e alguns projetos inacabados, como uma obra ambiciosa sobre a história da sociologia no Brasil.

2.2 A SOCIOLOGIA NO BRASIL: O CAMPO DE BATALHA DE GUERREIRO

Guerreiro Ramos não teve aceitação inquestionável no cenário acadêmico das Ciências Sociais. Nas palavras de Oliveira, ainda que tenha tido penetração e prestígio em alguns campos, estes se deram fora dos limites da sociologia: “foi um *outsider* da academia”.³⁶ Um autodidata, polemista e agitador³⁷. E o seu principal campo de batalha foi a formação das Ciências Sociais e do pensamento social do Brasil, algo em ebulição nos anos de 1940 e 1950.

Importa-nos pontuar que a escolha pelo termo “pensamento social do Brasil”, conforme bem pontuado por Cruz, em detrimento de “pensamento social brasileiro”, dá-se conscientemente para marcar a grande contribuição de Guerreiro, ao apontar como coisas diferentes o pensamento social produzido no Brasil como autenticamente brasileiro, daquele

³⁴ Ibidem, p. 49-50.

³⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Guerreiro ontem, Guerreiro hoje. RAP RIO DE JANEIRO 31 (5):9-14. SET.IOUT. 1997, p. 9-10.

³⁶ Ibidem, p. 9.

³⁷ BARBOSA, Muryatan Santana. Guerreiro Ramos: o personalismo negro. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2.

pensamento social forjado no território tupiniquim mas com ferramental e elementos originários do exterior.³⁸

Trilhando um caminho diferente daquele percorrido pelas Ciências Sociais na Europa, em que o ponto de partida foi a filosofia, no Brasil, a literatura e as artes parecem ter sido as sementes de nossas humanidades, em muitos momentos havendo uma virtual confusão entre sociologia, antropologia e literatura. Antônio Candido dedicou diversas obras a analisar as interseções entre obras literárias e a sociedade, ou seja, títulos que assimilam a dimensão social como fator de arte. Talvez a primeira manifestação do que seria a Sociologia brasileira está, segundo o autor, na “Introdução à História da literatura brasileira” (1881), na qual Sílvio Romero finca as bases que orientaram por longo período os estudos sociais no país³⁹.

E com isso concordaria Guerreiro, que considerava como nossos primeiros e mais relevantes antropólogos e sociólogos os escritores Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana, corrente que, como menciona Soares⁴⁰, posteriormente denominaria de sociologia autêntica, por ter logrado produzir um pensamento orientado no sentido de uma “dessatelação histórica”. Para Guerreiro, a superioridade de Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões”:

enquanto sociólogo, quando comparado a estudiosos como Nina Rodrigues, Arthur Ramos ou Gilberto Freyre, é não ter utilizado a ciência estrangeira simétrica e mecanicamente. Não importam seus erros. Temos de aprender com ele a assumir atitude integrada na realidade nacional. (...) Os acertos dos atuais sociólogos e antropólogos consulares e os equívocos de Euclides da Cunha se equivalem: uns e outros são importados ou frutos de nossas obnubilações pelos “prestígios” ocasionais dos centros estrangeiros.⁴¹

E isto era claro para Guerreiro já em 1954, quando escreveu o trecho citado. Com o que viria a concordar Cândido em conhecido artigo publicado em 1959, ao distinguir nitidamente no Brasil duas fases da Sociologia, a que vai de 1880-1930 e depois de 1940, identificando na primeira fase uma sociologia praticada por intelectuais não especializados, interessados em interpretar de modo global a sociedade brasileira, sem haver ainda seu ensino em cursos universitários. Depois de 1930 a Sociologia é incluída no ensino secundário e superior e começa a ser invocada como instrumento de análise social, cabendo mencionar que os primeiros

³⁸ CRUZ, Leonardo Borges da. O pioneirismo de Alberto Guerreiro Ramos nos estudos sobre hierarquias raciais : a gênese de uma formação discursiva pós-colonial. Tese [Doutorado] – Universidade Federal de São Carlos, 2014, p. 26.

³⁹ CÂNDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. Tempo Social, 2006,18/1, p. 271-301.

⁴⁰ SOARES, Luiz Antônio Alves. A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico. – Rio de Janeiro : Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro, 2006, p. 38.

⁴¹ RAMOS, 2023, op. cit., p. 151.

brasileiros a obter formação universitária sociológica adquirida no próprio país formaram-se em 1936.⁴²

Cândido menciona uma fase importante de transição, de 1930-1940, em que se produziram obras grandiosas e incontornáveis por autores que circulam entre a Antropologia, a Literatura e a História, como Gilberto Freyre e sua obra “Casa-Grande e Senzala” (1933) e Sérgio Buarque de Holanda com “Raízes do Brasil” (1936).⁴³

Botelho, por sua vez, situa entre as décadas de 1920 e 1940 a publicação de alguns dos mais instigantes estudos sobre a formação da sociedade brasileira, comumente reunidos na expressão “ensaísmo de interpretação do Brasil”, embora não permitam uma definição estrita. Afirma que, embora compartilhem vários aspectos comuns, o fato de terem sido produzidos sincronicamente não os caracteriza como uma unidade do ponto de vista de imaginação sociológica. E buscar alguma unidade para estes ensaios acabou se constituindo um problema para as Ciências Sociais, ao qual Guerreiro se dedicou, como um pioneiro cientista social profissional.⁴⁴

Freyre é visto por Cândido como um importante predecessor da investigação sociológica, interessado em dar sentido e profundidade à análise da sociedade brasileira, aliando formação técnica (influenciado pela antropologia americana, tendo estudado com Franz Boas) e intuição artística, produziu um marco inspirador “não apenas a sociólogos e antropólogos, mas para geógrafos, higienistas, políticos, críticos, historiadores.”⁴⁵

Ramos discordaria fortemente da comparação que Cândido faz entre Freyre e Euclides da Cunha, quando este afirma que “temos aqui (no livro “Nordeste”, de Freyre, de 1937) uma obra cujas virtudes literárias estão no nível da capacidade científica”⁴⁶. Para Guerreiro, incontestavelmente:

o Sr. Gilberto Freyre é um escritor de êxito no Brasil. E nem tudo na sua glória é uma soma de equívocos. (...)

Cabe nesta circunstância fazer uma distinção entre êxito social e êxito científico. Pode-se afirmar, sem injustiça, que o êxito do Sr. Gilberto Freyre no Brasil tem sido social, sobretudo. A qualidade científica de sua obra só pôde ser apreciada recentemente, depois que entre nós se desenvolveram os estudos de ciências sociais e

⁴² CÂNDIDO, 2006, op.cit., p. 271.

⁴³ Ibidem, passim.

⁴⁴ BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1, p. 47-66.

⁴⁵ Ibidem, p. 283.

⁴⁶ Ibidem, p. 284.

apareceram profissionais competentes nesse domínio. (...) só os literatos o consideram sociólogo; os sociólogos o consideram literato.

O sr. Gilberto Freyre, apesar da sua extraordinária informação, jamais conseguiu ver o que é essencial na formação da sociedade brasileira. Sem dúvida, o que é básico para explicá-la é verificar que sobretudo na época colonial ela é condicionada por fatores exógenos. Portanto, na medida em que o desenvolvimento reflexo do Brasil é negligenciado, fica-se exposto a confundir as causas com os efeitos.⁴⁷ (grifei)

Neste artigo, publicado em 1956, a verve irônica e polemista de Guerreiro fica em evidência, assim como seu desdém por um tipo de pensamento que vinha sendo produzido sobre a formação do Brasil, que cometeria o equívoco de identificar a raça com a cultura, equívoco que admite ter sido desfeito por Freyre quando este vulgarizou antropólogos norte-americanos e ingleses⁴⁸. E importa dar ênfase às datas em que tais intérpretes do Brasil estão escrevendo. O artigo de Cândido é de 1959, embora reeditado algumas vezes posteriormente, e esta crítica de Guerreiro a Freyre é de 1956. Nela ele vai além:

O sr. Gilberto Freyre gosta de dizer-se mais antropólogo do que sociólogo, e a sua incapacidade de compreender a realidade histórico-social e, em particular, a situação colonial é, em grande parte, decorrente dos esquemas de compreensão, de caráter antropológico, aos quais tem sido fiel durante toda a sua carreira. Ele encarna no Brasil de hoje o tipo de pseucientista, do intelectual domesticado por ideologias camufladas de ciência, como a antropologia cultural, que nos chegam aqui com o timbre de universidades europeias e norte-americanas. Brasileiro de nascimento, seu ideal é o lusitanismo: o progresso de seu país lhe parece manifestação mórbida, um desvio de sua vocação lusa. Expatriou-se, portanto, dentro do seu próprio país. No Brasil, vive num estreito círculo de intelectuais ociosos.⁴⁹ (Grifei)

Já podemos identificar aqui a grande falha que identificava na obra destes primeiros explicadores do Brasil: a ausência de uma crítica colonial. Colonial não apenas relacionada à nossa formação, mas à própria ciência que estavam produzindo, uma ciência colonizada e consular, importada acriticamente.

Ianni, outro relevante historiador do pensamento social no Brasil, vai ao encontro deste reconhecimento de Guerreiro, afirmando que a interpretação de Freyre vem do pensamento moderno europeu e norte-americano, privilegiando as formas de sociabilidade, ainda que superando os equívocos que associam raça à cultura, concentrando-se na análise de instituições e formas sociais, focalizando a família patriarcal, etc. Este é o contexto de surgimento da ideia

⁴⁷ RAMOS, 2023, op. cit., p.264-267.

⁴⁸ Ibidem, p. 265-266.

⁴⁹ Ibidem, p. 273.

de “democracia racial”, ideia que também aparece em Guerreiro, embora sob outra perspectiva e fundamento, como se verá⁵⁰.

Sérgio Buarque de Holanda, cuja interpretação tem origem no pensamento alemão moderno (Dilthey e Weber), foca em tipos ideias e estilos de sociabilidade, sugerindo a ideia de “homem cordial”. Ianni ainda destaca a interpretação de Caio Prado Júnior, marxista, que analisa a formação social brasileira em termos de forças produtivas e relações de produção, desigualdades sociais e contradições de classes. Para Ianni, esses autores são considerados clássicos, inaugurando estilos de pensar o país, a história brasileira, os dilemas do presente, as perspectivas prováveis, além de formar discípulos, continuadores e dissidentes.⁵¹

Neste esforço de apresentar as diversas interpretações e pensadores da formação social e da sociologia do Brasil, Ianni estabelece três categorias: os “precursores” (Euclides da Cunha, Alberto Torres, Rui Barbosa, Sílvio Romero, Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros); os “clássicos” (Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior) e os “novos”. Aqui cabe maior explicação, pois relevante o fato de o autor não mencionar Guerreiro Ramos neste time.⁵²

Para Ianni, os “novos”, realmente inovadores, assinalam diferentes interpretações. Estão mais imersos na cultura das Ciências Sociais, envolvidos com ensino e pesquisa no âmbito universitário, mencionando Mário de Andrade, Florestan Fernandes, Raymundo Faoro, Clóvis Moura, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Graciliano Ramos e Oscar Niemeyer, entre outros. Estes “novos”, embora dialoguem com os clássicos e precursores, com compromissos e continuidades, estão empenhados em aprofundar a análise da sociedade brasileira, suas classes, valores, história e tradições.⁵³

Guerreiro, arrisco dizer, encaixa-se neste último grupo. Isso porque, apesar de reconhecer êxito onde este existe, dedica-se a apontar deficiências nestes clássicos. E algo que passa ao largo de Freyre e que é muito caro a Guerreiro, ponto que terá destaque neste trabalho, é a situação colonial essencial à formação da sociedade brasileira.

A este ponto retornaremos adiante, aqui sendo importante assentar que as Ciências Sociais nascem e desenvolvem-se marcadas pelo desafio de compreender as condições e possibilidades do Brasil moderno. Por isso, em momentos diferentes, o pensamento social se dedica ao passado, tentando investigar os segredos do presente. Concluindo, Ianni afirma: “sob

⁵⁰ IANNI, Octavio. Pensamento social no Brasil. Bauru: EDUSC, 2004, p. 35.

⁵¹ Ibidem, p. 36-37.

⁵² Ibidem, p. 60-61.

⁵³ Ibidem. P. 61-62.

vários aspectos, a história do pensamento brasileiro no século 20 pode ser vista como um esforço persistente e reiterado de compreender e impulsionar as condições da modernização da sociedade nacional”.⁵⁴

Mas Cândido, em 1956, não ignorou nosso sociólogo e sua proposta de teoria, colocando-o ao lado de Florestan Fernandes e Mário Lins. Assim se refere a Guerreiro:

Guerreiro Ramos principiou por divulgar entre nós as teorias modernas sobre organização racional do trabalho (A sociologia industrial, 1951), ao mesmo tempo em que se dedicava aos problemas sociais brasileiros, que o levaram à preocupação acentuada com a velha “teoria geral do Brasil”. O seu ponto de vista é que o trabalho sociológico se vem perdendo em investigações de detalhe, empreendidas segundo métodos tomados de empréstimo aos estrangeiros, inadequados à nossa realidade, gerando em consequência falsos problemas, que desviam o sociólogo da sua verdadeira finalidade. Esta consiste precipuamente em construir uma interpretação geral do país, que sirva de ponto de partida aos estudos diretamente ligados aos problemas imediatos. No debate de tais idéias, Guerreiro Ramos ainda apresenta de comum com os seus predecessores o método polêmico e a apaixonada tomada de posição, à maneira de um Silvio Romero (Cartilha do aprendiz sociólogo, 1955) (Grifei).⁵⁵

Segue-se a este trecho um – bem mais extenso, nota-se – sobre a obra teórica de Florestan Fernandes que, já na década de 1950, era tido como um dos principais nomes a estabelecer a Sociologia como atividade científica, especialmente baseado em Durkheim, Radcliffe-Brown e Merton. Para Cândido, a contribuição metodológica de Florestan é o estabelecimento, no Brasil, de uma Sociologia com caráter científico nos rigores da Sociologia global, com restrição de campo, definição de objeto e determinação de método.⁵⁶

Não se pode ignorar outros condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil, no sentido exposto por Micelli, que descreve as diferentes trajetórias experienciadas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Para o autor a diferença entre a formação das instituições carioca e paulista é gritante. Em São Paulo, a hierarquia acadêmica vai se constituindo nas suas duas primeiras décadas por docentes estrangeiros treinados na competição acadêmica europeia. No Rio de Janeiro verifica-se uma corrida política em torno de posições disponíveis, por meio do clientelismo. Enquanto em São Paulo os cientistas sociais se tornam cada vez mais profissionais acadêmicos, os cariocas são, em sua maioria, membros das elites políticas e culturais, com exceções conhecidas, como Guerreiro.⁵⁷

⁵⁴ Ibidem, p. 39-40.

⁵⁵ CÂNDIDO, 2006, op.cit., p. 293.

⁵⁶ Ibidem, p. 295.

⁵⁷ MICELI, S. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil: 1930-1964. Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS, v. 2, n. 5, out. 1987.

Estas divergências têm implicação na própria concepção do que seja a ciência social, sobressaindo no Rio de Janeiro uma concepção “intervencionista”, “militante” e “aplicada”, enquanto em São Paulo prevalece uma preocupação com o treinamento metodológico, a leitura dos clássicos e toda uma socialização acadêmico-disciplinar.⁵⁸ E é nessa disputa que surge uma das contendas mais marcantes das Ciências Sociais brasileiras: Florestan Fernandes *versus* Guerreiro Ramos.

2.2.1 Duelo ou Dueto? Sociologia em ato e Sociologia em hábito

Ao chegarmos neste ponto do trabalho, penso ter sido possível estabelecer que Guerreiro Ramos tinha um amor pelo debate e se investia nele de maneira irônica e incansável, tendo se enroscado nas mais diversas contendas intelectuais e políticas. Mas, como mencionado, nenhuma foi tão interessante e marca tão indelevelmente a história das Ciências Sociais quanto seu embate com o uspiano Florestan Fernandes.

Esta peleja, como conclui Bariani, claramente não envolvia apenas os dois sociólogos em ascensão, mas distintas formas de institucionalização das Ciências Sociais (em São Paulo e no Rio de Janeiro), de formação intelectual, formas de conceber a sociologia e o papel do sociólogo, distintas visões de mundo e interpretações da sociedade brasileira e, enfim, projetos para as Ciências Sociais e para o Brasil.⁵⁹

O ponto inicial da polêmica entre Florestan (à época com 33 anos) e Guerreiro (38 anos) é rastreado ao II Congresso Latino-Americano de Sociologia realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1953, no qual Guerreiro, então presidente da Comissão de Estruturas Nacionais e Regionais, apresentou as seguintes teses:

1ª – As soluções dos problemas sociais dos países latino-americanos devem ser propostas tendo em vista as condições efetivas de suas estruturas nacionais e regionais, sendo desaconselhável a transplantação literal de medidas adotadas em países plenamente desenvolvidos;

2ª – A organização do ensino da sociologia nos países latino-americanos deve obedecer ao propósito fundamental de contribuir para a emancipação cultural dos discentes, equipando-os de instrumentos intelectuais que os capacitem a interpretar, de modo autêntico, os problemas das estruturas nacionais e regionais a que se vinculam;

3ª – No exercício de atividades de aconselhamento, os sociólogos latino-americanos não devem perder de vista as disponibilidades da renda nacional de seus países, necessárias para suportar os encargos decorrentes das medidas propostas;

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ BARIANI, 2012, op. cit., p. 7-8.

4ª – No estágio atual de desenvolvimento das nações latino-americanas e em face das suas necessidades cada vez maiores de investimentos em bens de produção, é desaconselhável aplicar recursos na prática de pesquisas sobre minudências da vida social, devendo-se estimular a formulação de interpretações genéricas dos aspectos global e parciais das estruturas nacionais e regionais;

5ª – O trabalho sociológico deve ter sempre em vista que a melhoria das condições de vida das populações está condicionada ao desenvolvimento industrial das estruturas nacionais e regionais;

6ª – É francamente desaconselhável que o trabalho sociológico, direta ou indiretamente, contribua para a persistência, nas nações latino-americanas, de estilos de comportamento de caráter pré-letrado. Ao contrário, no que concerne às populações indígenas ou afro-americanas, os sociólogos devem aplicar-se no estudo e na proposição de mecanismos de integração social que apressem a incorporação desses contingentes humanos na atual estrutura econômica e cultural dos países latino-americanos;

7ª – Na utilização da metodologia sociológica, os sociólogos devem ter em vista que as exigências de precisão e refinamento decorrem do nível de desenvolvimento das estruturas nacionais e regionais. Portanto, nos países latino-americanos, os métodos e processos de pesquisa devem coadunar-se com os seus recursos econômicos e de pessoal técnico e com o nível cultural genérico de suas populações.⁶⁰

Para surpresa de Guerreiro, o Plenário do Congresso recusou, por 22 votos a 9, suas recomendações. Conforme Caldas, Nelson Werneck Sodré apontou certa ingenuidade nas posições do sociólogo baiano, uma vez que suas propostas pareciam ignorar hierarquias e interesses acadêmicos, e que seu posicionamento era marcado “pela forte sinceridade de que está impregnado, pela ausência de respeito a alguns tabus, constituídos por fatos, teorias, doutrinas ou pessoas”⁶¹.

Guerreiro foi um dissidente de seu campo, aqui entendido no conceito descrito por Bourdieu, como local de forças e de lutas que buscam transformar tais relações que estruturam o campo em dado momento. O campo exerce um efeito de censura, limitando o universo do discurso político e daquilo que é possível ser pensado politicamente ao espaço dos discursos sociologicamente possíveis, dadas as leis que determinam a entrada no campo. O sociólogo francês reitera que o campo é o lugar de uma concorrência pelo poder, que se dá por meio de uma concorrência pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos indivíduos. A força das ideias se mede, neste cenário, pelo seu poder de mobilização, pela força do grupo que as reconhece.⁶²

E Guerreiro sentiu por toda sua vida a força dessa censura, mas de modo muito especial neste momento pós-Congresso pois, após a derrota de suas propostas, o autor, externando abertamente ter se sentido atacado e excluído, levou a público, por meio de colunas e artigos

⁶⁰ RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Andes, 1957, p. 77-78.

⁶¹ CALDAS, op.cit., p.201.

⁶² BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 164.

em jornais, o debate antes restrito ao evento⁶³. Em nota explicativa à coletânea de tais artigos, que integraram a Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo, Guerreiro assim se expressou:

A necessidade de rebater a agressão de que fui alvo no II Congresso Latino-Americano de Sociologia, por parte de congressistas brasileiros em desacordo com as recomendações que ali defendi, na qualidade de presidente da Comissão de estruturas Nacionais e Regionais, serviu-me de excitante para, a despeito de minhas ocupações absorventes, escrever uma série de nove artigos dominicais, no Diário de Notícias desta capital, no período de 26/7/1953 a 4/10/1953, em que parece terem ficado claramente expressas algumas tendências fundamentais da presente fase da sociedade brasileira.⁶⁴

E pode-se facilmente identificar o principal oponente de Guerreiro neste campo. Florestan Fernandes, em artigo publicado em 1958, critica em específico os itens 4 e 7 da proposta de Guerreiro. Dirigindo-se ao trabalho científico e seus vínculos, o sociólogo da USP afirma que o cientista só poderia pôr a ciência a serviço da comunidade se observasse rigorosamente os requisitos do saber científico, caso contrário, correria o risco de produzir uma pseudociência.⁶⁵ Disse ainda que:

O padrão do trabalho científico não poderia ser decorrente do estágio de desenvolvimento da estrutura social e sim dos “critérios de explicação científica na sociologia”, as exigências não se deveriam pautar pelos recursos disponíveis e pelo “nível cultural genérico das populações” (Guerreiro Ramos), em vez disso, mesmo consideradas as dificuldades da investigação científica num país como o Brasil, dever-se-ia levar em conta os padrões mais rigorosos⁶⁶.

Ao realizar um balanço da polêmica, Oliveira lista os principais pontos de divergência:

1) Florestan aceitaria a sociologia como ciência positiva do social (influenciado por Weber, Durkheim e Marx), enquanto Guerreiro, mais cético, teria raízes filosóficas (no existencialismo e culturalismo), mas aceitaria a sociologia como ciência empírico-indutiva; 2) a relação entre sujeito e objeto do conhecimento e o caráter desse conhecimento seriam tomados de modos diferentes por ambos, Florestan ligar-se-ia à herança dos clássicos (Marx, Werber e Durkheim) e Guerreiro seguiria a linha de Gurvitch – e partilharia a herança de Proudhon e Saint-Simon; 3) para Florestan ciência seria positividade, para Guerreiro, perspectiva; 4) no entender de

⁶³ CALDAS, 2021, op. cit., p.201 e 206.

⁶⁴ RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 103.

⁶⁵ BARIANI, 2012, op. cit., p. 15.

⁶⁶ BARIANI, Edison. A sociologia brasileira nos anos 1950: heterogeneidade e heteronomia. Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ), v. 1, p. 1-20, 2008, p. 7-8.

Florestan a ciência seria feita na academia para acadêmicos, Guerreiro aponta que ela precisa se vulgarizar.⁶⁷

Além disso, para Florestan a Sociologia seria uma ciência universal, uma vez que seus fundamentos teóricos seriam os mesmos em qualquer lugar e para qualquer pesquisador. Guerreiro, embora admitisse uma universalidade da Sociologia, afirmava que esta só se daria por meio dos particulares, de cada realidade nacional, que permitiria uma relativa autonomia de seu arsenal teórico, a fim de enfrentar sua realidade própria.⁶⁸ E nisso – alerta de *spoiler* – reside uma das características centrais da perspectiva pós-colonial: um conhecimento que parte da singularidade histórico social.

O próprio perfil de ambos se distanciava, onde Guerreiro seria um ator político por excelência, um sociólogo militante, e Florestan (pelo menos à época), um acadêmico. Ao reeditar “A redução sociológica” (em 1963), Guerreiro acidamente denuncia que Florestan “confunde a ciência sociológica em hábito com a ciência sociológica em ato” e que seria necessário mais do que informação e erudição “para habilitar o estudioso a fazer uso sociológico dos conhecimentos sociológicos ou, em outras palavras, para a prática da redução sociológica”. Acusa ainda Florestan de, por meio de uma falsa noção das relações entre teoria e prática, tornar a Sociologia um conhecimento superprivilegiado.⁶⁹

Guerreiro Ramos fazia distinção entre sociologia em hábito e sociologia em ato. Aquela é a destreza em aplicar métodos e teorias, geralmente importados, e de utilizar corretamente os autores clássicos e os contemporâneos. A sociologia em ato estaria assentada na redução sociológica, a qual foi definida por ele como a descolonização do saber sociológico. “A sociologia em ato é um estado de espírito. Você é sensibilizado para um problema e reage”.⁷⁰ Isso não significa que não haveria necessidade de um profundo conhecimento sociológico. Impõe-se um diálogo com todos os grandes pensadores; no entanto, a sociologia em ato não permitia a simples transplantação de ideias e de métodos. O sociólogo precisava ir além disso e dar respostas originais para os problemas nacionais. A Sociologia para ele não deveria ser ofício especializado adquirido por repetição (“ciência em hábito”), mas antes a vocação deveria ser emanada pela “ciência em ato”, uma sociologia capaz de despertar e promover a consciência nacional. Uma verdadeira sociologia “em mangas de camisa”.

⁶⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. A sociologia de Guerreiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 107-109.

⁶⁸ BARIANI, 2012, op. cit., p. 19.

⁶⁹ Ibidem, p. 27.

⁷⁰ OLIVEIRA, 1995, op. cit., p. 168.

Contudo, antes do embate, em obra publicada em 1953, Guerreiro via em Florestan e em seu trabalho antropológico (à época evidenciado em importante estudo sobre os Tupinambás) uma promessa para as Ciências Sociais no Brasil:

Florestan é bem representativo da experiência universitária paulista, seu símbolo vivo, visto que fruto do que proporcionou de melhor. Sua carreira é a que tem transcorrido dentro dos trâmites universitários mais rigorosos. Seria monstruoso distraí-lo do seu esforço de criação teórica, plano em que certamente o Brasil dará com ele, o seu primeiro clássico universal, no campo da antropologia.⁷¹

Após, contudo, acusou-o de provincianismo, afirmando que Florestan se encontrava no “âmbito vestibular da ciência sociológica”, além de cair na falácia da hipercorreção:

A hipercorreção em sociologia é uma contradição em termos, mas dela não estão isentas de todo afirmativas como as seguintes do sr. Florestan Fernandes: “Temos de formar especialistas de real competência em seus campos de trabalho que suportem o confronto com colegas estrangeiros (A sociologia, p. 13); ou “nas condições em que nos achamos, temos que nos contentar com os conhecimentos importados de outros centros de investigação sociológica”. Há, nessas afirmativas, muito pouco de sociologia. Muito de consciência mistificada e alienada. (...) É esdrúxulo advogar ou condenar a importação de conhecimentos. Todos os países são importadores de ciência. O que se trata – no caso- é de como importar. (...) O que preconizamos é a substituição da atitude hipercorreta em face de tal produto pela atitude crítico-assimilativa.⁷²

Neste ponto caberia conjecturar sobre quanto da relevante teoria de Guerreiro sobre um conhecimento e uma sociologia autenticamente brasileiras teria sido aprofundada a partir das respostas que passou a dar a seus críticos, especialmente a Florestan. Hoje parece-me fácil carimbar como descabida a afirmação de Florestan de que “temos que nos contentar com os conhecimentos importados” e por demais sensata a proposta de uma atitude crítica na assimilação do conhecimento estrangeiro, mas no calor do debate pode não ter sido tão fácil tomar partido nesta contenda.

Outra falácia a que incorre Florestan, no entendimento de Guerreiro, é o bovarismo, que consistiria no afastamento entre o mundo dos sociólogos e dos leigos. A vocação da sociologia é, em suas palavras, “tornar-se um saber vulgarizado. A sociologia se volatizará no processo social global. Estas afirmativas devem escandalizar o aristocratismo do professor paulista”⁷³.

Apesar de tais amargas palavras, Guerreiro afirmou no prefácio de “A Redução Sociológica” ter esperanças de que Florestan se tornasse, em breve, um sociólogo militante.

⁷¹ RAMOS, Guerreiro. O processo da sociologia no Brasil: esquema de uma história das ideias. Rio de Janeiro, 1953, p. 30.

⁷² RAMOS, Guerreiro. A redução Sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 20.

⁷³ Ibidem, p. 27.

Conforme Bariani, ironicamente foi Guerreiro quem primeiro vislumbrou o militante que Florestan viria a se tornar.⁷⁴ Em muitos momentos foi cortante:

Os mais importantes sociólogos brasileiros são Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, pessoas que não têm formação científica. São importantes porque vendem. [...] Eu não disse que ele [Florestan] não tem nenhuma formação científica, a frase não seria adequada. Ele não entende. Ele lê uma porção de livros, ensina métodos, mas o segredo... Há uma parte esotérica da ciência – esotérico com s – que não adianta você ler, não é só ler. O exotérico – com x – conhece a parte externa, lê livros. Mas não dá, não entende. Ele faz aquelas obras, descreve. É um trabalhador, mas não dá. Porque não é só leitura, é uma coisa qualquer que não sei explicar.⁷⁵

A vocação da sociologia e do sociólogo sempre pareceu muito clara a Guerreiro, pois foi um intelectual comprometido com a solução dos problemas nacionais borbulhantes na época, como a mortalidade infantil, o pauperismo, racismo, desenvolvimento, ciência nacional, administração pública, conflito social, etc. Em suas palavras, como descrito por Barbosa, só essa “descida aos infernos” permitiria aos cientistas sociais realizarem sua função social plena como intelectuais de um país periférico.⁷⁶

Se da perspectiva da carreira acadêmica a postura de Guerreiro foi desastrosa, do ponto-de-vista da coerência intelectual ela foi valiosa, como o próprio autor avaliou mais tarde:

Ao terminar esta série de artigos, cumpro, com satisfação, o dever de formular os meus agradecimentos àqueles que me derrotaram no II Congresso Latino Americano de Sociologia, na noite em que apresentei as teses aqui largamente focalizadas. A análise do meu dramático fracasso, a que procedi, muito serviu para que tomasse plena consciência das ideias sobre as quais venho baseando a minha atuação profissional. Não fosse aquela derrota e eu provavelmente até hoje não tivesse tido oportunidade de sistematizar as diretrizes do meu pensamento no campo da sociologia, de maneira tão categórica.⁷⁷

Ilustrando a relevância desta alteração acadêmica, Darcy Ribeiro a ela remete quando relembra Guerreiro e a disputa iniciada no Congresso:

Fui amigo e até compadre de Guerreiro Ramos. Depois brigamos. Ele queria liberar todo pesquisador social de países atrasados como o nosso das prescrições metodológicas formais. Nós todos reagimos num Congresso de 52-53, no Rio, a que ele respondeu com a sua excelente Cartilha. Eu era, então, um etnólogo bisonho, metido com os índios, querendo estudá-los como fósseis vivos. Florestan queria ser Merton. Guerreiro tinha toda a razão de propor uma ciência social nossa, eficaz e

⁷⁴ BARIANI, 2012, op. cit., p. 29

⁷⁵ OLIVEIRA, 1995, op. cit., p. 161-162.

⁷⁶ BARBOSA, Muryatan S. In: RAMOS, 2023, op.cit., p. 12.

⁷⁷ RAMOS apud CALDAS, 2021, op. cit., p. 206.

socialmente responsável. Exacerbou, é claro, como todo pioneiro. Mas era, sem dúvida, o melhor de nós.⁷⁸

Muito se especula sobre o porquê Guerreiro não ter recebido o prestígio e destaque que lhe seria devido no campo das Ciências Sociais. Como bem aponta Barbosa, o estigma racial o acompanhou por toda sua vida, antes e depois de sua integração ao TEN, entre 1949 e 1955, quando produziu a maior parte de seus escritos sobre a temática étnico-racial. Mesmo após ser um personagem nacionalmente conhecido, foi publicamente atacado como “malandro”, “preto racista”, “cafuzo racista”, “negro e racista”, especialmente pelo jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro, então dirigido por Carlos Lacerda, seu inimigo político. Ali o acusavam tanto de racista contra brancos quanto contra negro, o que, provavelmente, o levou a se afastar publicamente do TEN.⁷⁹

Além do racismo estrutural em nossa sociedade e academia, a resposta para seu desprestígio também pode ser ligada à sua postura combativa, tendo desafiado a Igreja, o ISEB, partidos e lideranças políticas. E das forças mais relevantes que desafiou foi o departamento de Ciências Sociais da USP, liderado então por Florestan. E nesse embate, conforme Bresser-Pereira e Dip⁸⁰, a sociologia uspiana saiu vencedora.

Todavia, vale apontar que essa alteração foi protagonizada por dois sociólogos com mais semelhanças que diferenças. Florestan e Guerreiro compartilhavam o fato de serem ambos plebeus, de origem pobres, autodidatas, criados por mães sobrecarregadas (sem a presença da figura paterna) e que venceram a desigualdade de oportunidades, chegando à universidade e recebendo admiração como precursores da sociologia brasileira. Seguiram rumos diferentes, quase caminhos invertidos: Guerreiro partindo de um intenso engajamento político para um distanciamento do campo militante, terminando numa sociologia institucional; Florestan iniciando numa sociologia acadêmica e chegando à defesa ideológica de um engajamento popular na revolução.⁸¹

Ambos eruditos brilhantes, incomuns. Antagonistas, mas complementares. Exilados, engajados, deputados eleitos, inconformistas, cada qual a seu modo. Dedicaram suas vidas à Sociologia e, interessa dizer, com seus projetos fracassados igualmente. “Nem autonomia, nem revolução, nem paixão, nem sociologia nacional, o que os sucedeu foi a tecnologia de controle

⁷⁸ CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p. 39.

⁷⁹ BARBOSA in: RAMOS, 2023, op. cit., p. 17.

⁸⁰ BRESSER-PEREIRA, DIP in CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p.41-42.

⁸¹ BARIANI, 2012, op. cit., p. 78.

social como profissionalização do saber, agora nem como intervenção racional e rebeldia política, mas como ocupação universitária e inserção institucional”.⁸²

Ainda assim, é inevitável não pontuar que, se ambos fracassaram, há derrotas maiores que outras. Florestan ocupa lugar inquestionável no cânone das Ciências Sociais do Brasil, enquanto Guerreiro integra o grupo de intelectuais marginais, um *outsider within*⁸³ da Sociologia, liderando (assim ele se sentiu por quase toda a vida) um exército de um homem só.

2.2.2 Guerreiro e o Cânone: a questão étnico-racial na Sociologia brasileira

A forma como se constituiu a sociabilidade e a identidade brasileira foi objeto de estudo dos mais relevantes pensadores do país, como já abordado, estes que apresentaram diversas linhas de explicação da formação social do Brasil. Muitas dessas linhas de explicação – algumas empoeiradas e em vias de descarte pela academia – seguem tendo relevância no debate público e acadêmico brasileiro.

Uma das mais difíceis de ignorar é aquela que resulta da criação de um “mito nacional”, podendo ser rastreadas às obras de Gilberto Freyre, que criou o paradigma do mestiço e o mito da democracia racial, de um povo que não tem diferenças reais, argumento até hoje mobilizado pela branquitude brasileira para negar o racismo estrutural, e seu *status* hegemônico. De Sérgio Buarque de Holanda herdamos a ideia de homem cordial, um brasileiro que mascara suas violências e seu racismo com uma espécie de afeto, em oposição ao “protestante ascético norte-americano”. Temos em Raymundo Faoro a tese do patrimonialismo legado por Portugal e de um Estado interventor que impede o florescimento de uma sociedade livre (leia-se, livre comércio) e em Roberto DaMatta a ideia do “jeitinho brasileiro”, que é permeada de preconceitos e ideias colonizadas.⁸⁴

Estes são apenas alguns dos exemplos de como o pensamento colonial predominou por muito tempo no Brasil, mesmo dentre seus intelectuais mais relevantes. Cabe lembrar que

⁸² Ibidem, p. 78.

⁸³ Aqui vale-se de categoria descrita por Patrícia Hill Collins em texto intitulado “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro” e da ideia de Mannheim sobre “estrangeiros” na academia, intelectuais marginais de cuja postura crítica podem advir grandes desenvolvimentos criativos para as disciplinas acadêmicas. (COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016).

⁸⁴ COSTA KRUMEL. In FOLLMANN, José Ivo (Org) Dialogando com Jessé Souza. São Leopoldo, Casa Leiria, 2018, p. 112-113.

apenas nos anos 1940 o país começou a formar seus próprios antropólogos “nativos”, muitos deles mantendo a tradição de pensamento subalternizado, como os mencionados Faoro e DaMatta. Outros, como Darcy Ribeiro [que se intitulava um “antropologiano”: um antropólogo do 3º mundo] e Florestan Fernandes, fundaram um pensamento original, buscando romper com um projeto de dependência intelectual⁸⁵, além de nosso autor, é claro, embora Guerreiro não integre o cânone da Sociologia brasileira.

Por cânone, importa dizer, entende-se o conjunto de autores consagrados como pioneiros, fundadores, clássicos ou essenciais na História das Ciências Sociais. A ideia, segundo Castro, é a de autores que seriam tidos como fundamentais na formação de cientistas sociais, que geralmente integram ementas de cursos ou coletâneas sobre a história das Ciências Sociais. São, em sua maioria, homens, brancos e ocidentais. Para Castro:

O cânone tem uma forte tendência inercial a se autorreproduzir. Estudantes aprendem a reconhecer em seus cursos de formação esses autores como fundamentais; utilizam-nos depois em seus trabalhos e teses; quando eventualmente se tornam professores, tendem a reproduzir em suas aulas o cânone, que também aparece com grande frequência em exames de seleção ou concursos da área.⁸⁶

Guerreiro, como visto em tópico anterior, dedicou-se a apontar deficiências e méritos naqueles autores que vieram antes dele. Mas em relação aos seus contemporâneos, é impossível negar que seu maior desafeto, Florestan, acabou por se tornar um destes autores incontornáveis nos cursos de Ciências Sociais enquanto Guerreiro passou ao largo da maioria das ementas e concursos.

Florestan Fernandes, autor branco, relembro, é inclusive reconhecido pelo movimento negro por seu trabalho sobre as desigualdades raciais por ter escrito “A integração do negro na sociedade de classes”, obra na qual evidencia sua indignação com o racismo e com a escravidão e suas consequências sobre o negro. No entanto, conforme Silva Bento⁸⁷, deixou de fora a questão do e sobre o branco. Florestan trata da deformação que a escravidão provocou na personalidade do negro e passa ao largo da deformação que ela causou à personalidade do branco, a exemplo da deformação colonizado-colonizador muito mencionada por Césaire, Fanon e Guerreiro, este que, em artigo publicado em 1953 intitulado “Sociologia clínica de um

⁸⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993, passim.

⁸⁶ CASTRO, Celso. É preciso ampliar o cânone das Ciências Sociais: reflexões sobre uma aventura para Além do Cânone. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/pesquisa-conhecimento/alem-canone-para-ampliar-diversificar-ciencias-sociais>. Acesso em: 28 jun 2023.

⁸⁷ SILVA BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

baiano ‘claro’”, permeado por sua inexorável ironia, lançou luz sobre a questão do branco na sociologia:

Até a presente data, por exemplo, nenhum cronista se lembrou de fixar os costumes e os usos mais típicos de nossa camada mais clara, nos vários períodos da história pátria, e os fisiologistas e antropometristas nacionais, por sua vez, praticamente nada fizeram sobre as características somáticas desse valoroso contingente da população brasileira. Mas é preciso dizer um “basta!” a essa omissão lamentável de nossa ciência social e, mesmo afrontando perigos, fazer essa reivindicação. O ‘branco’ brasileiro é também objeto de ciência.

(...)

Verifiquei com clareza que os estudos sobre o negro no Brasil, em sua quase totalidade, são inexatos e, em grande escala, encerram verdadeira mistificação e ignomínia. (...) Por que ignomínia? Porque aqueles estudos tinham como suporte um privilégio: o privilégio do branco de ver o negro sem ser visto por ele.

(...)

Descortino a precariedade histórica da brancura como valor. Então, converto o “branco” brasileiro, sôfrego de identificação com o padrão estético europeu, num caso de patologia social. (...) A condição do negro no Brasil só é sociologicamente problemática em decorrência da alienação estética do próprio negro e da hipercorreção estética do branco brasileiro, ávido por identificação com o europeu.⁸⁸ (Grifei)

A despeito da crítica de Guerreiro, e especialmente ao longo de décadas de trabalho, a sociologia de Florestan Fernandes descortinou uma outra interpretação do Brasil, revelando lutas e perspectivas formadas por povos indígenas, africanos escravizados, imigrantes subalternizados, uma história baseada no escambo e na escravidão, no colonialismo e imperialismo, no capitalismo dependente, por meio dos quais se forma uma sociedade de castas e, posteriormente, a sociedade de classes. Uma história atravessada por lutas sociais e revoltas, desde as comunidades indígenas contra os primeiros colonizadores até os levantes dos camponeses e operários pela conquista de direitos sociais.⁸⁹

Fernandes aponta, ademais, que o rompimento das relações coloniais com Portugal não se deu de fato, mas apenas jurídica e politicamente, mantendo-se no campo econômico, “passaram da antiga metrópole lusitana para o principal centro de poder do imperialismo econômico nascente”, vinculando o processo histórico-social e o destino da nação emergente ao neocolonialismo mundial, mantendo as antigas estruturas sociais e econômicas do mundo

⁸⁸ RAMOS, 2023, op. cit., p. 118, 132-133 e 182.

⁸⁹ IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. Estud. av., São Paulo, v. 10, n. 26, p. 25-33, Abr. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 Abr. 2021.

colonial e o controle do poder pelas elites senhoriais. Esse encadeamento entre dois tipos de colonialismos explica porque a sociedade nacional emergente não era uma nação independente do ponto de vista econômico.⁹⁰

Neste processo, o sociólogo identificou a aspiração das classes dominantes pela europeização dos modos de agir e de ser, de sua subjetividade, prevalecendo uma identificação com a civilização ocidental de modo a ajustar interesses socioeconômicos imediatistas às estruturas econômicas, sociais e jurídico-políticas exigidas pelo capitalismo. A ideologia do liberalismo ocultava os interesses das classes dominantes em manter o escravismo e justificar a intensa concentração de privilégios.⁹¹

Aqui é possível enxergar que a questão colonial também balizou, em algum momento, a explicação de Florestan para a formação de nossa sociedade, contudo, seu ponto de vista é fortemente ligado à dependência econômica e aos costumes. Guerreiro foi além ao apontar a dependência epistêmica e a colonização mental que constitui a identidade nacional.

Guerreiro alertava que, em sua época, não existia, senão em pequeníssima escala, uma ciência brasileira. A que havia, não contribuiria para a autodeterminação da sociedade, e o nosso cientista “é, via de regra, um *répétiteur*, hábil muitas vezes, um utilizador de conceitos pré-fabricados, pobre de experiências cognitivas genuinamente vividas e, portanto, vítima dos ‘prestígios’ dos centros europeus e norte-americanos de investigação.”⁹²

A sociologia no Brasil, a fim de adquirir autenticidade, teria de se libertar da postura alienada e consular que a marcara até então, partindo da análise dos fatos, da assunção do Brasil.⁹³ Para Guerreiro, “num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos são os do colonizador. Entre esses valores está o da brancura como símbolo excelso, do sublime, do belo. Deus é concebido em branco, e em branco são pensadas todas as perfeições.”⁹⁴

Nosso sociólogo foi pioneiro na percepção de que o “problema racial” seria parte de uma lógica colonial no país – mesmo após o fim do colonialismo oficial. E isso tanto em relação ao negro quanto ao branco. Assim, ele foi precursor não só de uma explicação robusta sobre nossa sociedade quanto dos estudos sobre branquitude/negritude. Para Guerreiro Ramos, a questão

⁹⁰ FERNANDES, Florestan. Sociedade de classes e subdesenvolvimento. São Paulo: Global, 2008, p. 23-25.

⁹¹ Ibidem, p. 27.

⁹² RAMOS, 2023, op.cit., p. 137.

⁹³ Ibidem, p. 184.

⁹⁴ Ibidem, p. 195.

étnico-racial brasileira deveria ser vista como um fenômeno derivado da “situação colonial” que o país vivia.⁹⁵ Isso porque:

Nas condições iniciais da formação do nosso país, a desvalorização estética da cor negra, ou melhor, a associação dessa cor ao feio e ao degradante afigurava-se normal, na medida em que não havia, praticamente, pessoas pigmentadas senão em posições inferiores. Para que a minoria colonizadora mantivesse e consolidasse sua dominação sobre as populações de cor, teria de promover no meio brasileiro, por meio de uma inculcação dogmática, uma comunidade linguística, religiosa, de valores estéticos e de costumes.

(...)

Para garantir a espoliação, a minoria dominante de origem europeia não recorreria somente à força, à violência, mas a um sistema de pseudojustificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica.

Nas sociedades coloniais, o *ethos*, a norma são inculcados de fora para dentro, isto é, não chegam a formar-se como produto dos fatores endógenos de tais sociedades. As sociedades coloniais, em sua estrutura total, são regidas por critérios heteronômicos, principalmente sua economia, como a sua psicologia coletiva.⁹⁶

Cabe apontar sua crítica ao que era comumente chamado como “problema do negro” no Brasil. Guerreiro entendia, à luz de uma sociologia científica e induzida da realidade brasileira, que tal “problema” era em verdade um reflexo da patologia social do branco brasileiro, de sua dependência psicológica. Para o autor:

Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? A partir de que norma, de que padrão, de que valor, se define como problemático ou se considera tema o negro no Brasil? Na medida em que se afirma a existência, no Brasil, do problema do negro, o que se supõe devesse ser a sociedade nacional em que o dito problema estivesse erradicado?

(...)

Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência.

(...)

O “problema do negro”, tal como colocado na sociologia brasileira, é, à luz de uma psicanálise sociológica, um ato de má-fé ou um equívoco, e esse equívoco só poderá ser desfeito por meio da tomada de consciência pelo nosso branco ou pelo nosso negro, culturalmente embranquecido, de sua alienação, de sua enfermidade psicológica.⁹⁷

Impossível não perceber semelhanças entre a visão de Guerreiro sobre a questão racial com a de Frantz Fanon. Nascido na Martinica, em 1925, foi um intelectual negro marxista,

⁹⁵ BARBOSA, 2023, op. cit., p.26.

⁹⁶ RAMOS, 2023, op. cit., p. 230-232.

⁹⁷ RAMOS, 2023, op.cit., p. 170, 172 e 179.

psiquiatra e filósofo político, considerado um dos expoentes do pensamento anticolonial e um revolucionário, com participação em diversas lutas de libertação, como a da Argélia, tem sido muito resgatado e lido atualmente no Brasil. Em particular, compartilham a ideia de que o maniqueísmo branco-negro seria uma construção histórica permeada por essencialismos e estereótipos, que produziriam uma patologia.

Aqui remeto-me especialmente à obra “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952), na qual Fanon afirma que “a civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial”⁹⁸. Guerreiro, por sua vez, reconhecia, em 1954, “uma patologia cultural que consiste, precisamente, sobretudo no campo da estética social, na adoção pelos indivíduos de determinada sociedade, de padrão estético exógeno, não induzido diretamente da circunstância natural e historicamente vivida”.⁹⁹

Para Fanon, “o negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana”¹⁰⁰, enquanto Guerreiro destacou um “fenômeno patológico responsável pela ambivalência de certos nativos na avaliação estética. O desejo de ser branco afeta, fortemente, os nativos governados por europeus. (...) O negro europeizado, via de regra, detesta mesmo referências à sua condição racial. Ele tende a negar-se como negro.”¹⁰¹

De se perguntar, diante de tamanhas similaridades, se Guerreiro leu Fanon à época, já que “Pele Negra, Máscaras Brancas” foi publicado em 1952 e os principais textos de Guerreiro sobre a questão racial foram escritos entre 1949 e 1958. Barbosa conclui ser provável que Guerreiro tenha tido acesso aos textos de Fanon, pois era leitor de revistas francesas que haviam publicado escritos do revolucionário martinicano entre 1952 e 1961. Contudo, se leu, não teria dado muita importância ao evento ou mencionado o autor. Fato é que ambos tiveram acesso a fontes teóricas próximas (Hegel, jovem Marx, a fenomenologia e o existencialismo)¹⁰², além de Césaire e de terem tido contato com Jean-Paul Sartre (uma espécie de *hub* ou roteador intelectual da época).

Há, contudo, como expõe Barbosa, uma diferença interpretativa fundamental entre os dois autores. Para Fanon, a experiência do negro é inevitavelmente problemática, pois depende de um inexistente reconhecimento pelo branco, dizendo que “o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco”. Para Guerreiro é o contrário, ou deveria ser: a assunção da

⁹⁸ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. – São Paulo : Ubu Editora, 2020, p. 27.

⁹⁹ RAMOS, 2023, op.cit., p. 176.

¹⁰⁰ FANON, 2020, op. cit., p. 23.

¹⁰¹ RAMOS, 2023, op.cit., p. 176.

¹⁰² BARBOSA In: RAMOS, 2023, op.cit., p. 33.

negritude pelo negro é um processo de autocriação, parte de sua conquista de liberdade, independente do reconhecimento do branco.¹⁰³

Faço este aparte, comparando Guerreiro e Fanon, novamente para levantar a questão da invisibilidade do autor brasileiro, mesmo num debate tão atual e no qual foi muito atuante, em que apontava para a situação específica do racismo nacional. Fanon vem tendo grande parte de sua obra republicada e popularizada no Brasil – o que é motivo de festejo, naturalmente. Contudo, há que se questionar se autores de nosso país, de mesma ou superior relevância, têm recebido atenção equivalente.

Os estudos sobre a branquitude têm ganhado espaço atualmente, e neste tema Guerreiro foi pioneiro, como apontado por uma das pesquisadoras mais importantes do assunto, Lia Vainer Schucman, que reconhece que Guerreiro foi pioneiro ao introduzir “pela primeira vez no Brasil uma perspectiva que aponta as consequências do racismo e da ideologia do branqueamento para o próprio branco brasileiro.” A autora relembra também que Guerreiro foi o primeiro sociólogo brasileiro a questionar os estudos sobre o negro feitos pela sociologia e pela antropologia brasileiras.¹⁰⁴

Ainda assim, é preciso reconhecer que Guerreiro foi um sociólogo muito completo, que escreveu sobre os mais diversos temas, não se pretendendo com este trabalho reduzi-lo a “sociólogo negro” ou que seja mencionado ou chamado a falar apenas sobre a negritude/branquitude. Este enclausuramento, aliás, estava no centro de sua crítica, que abarca os mais diversos aspectos de nossa sociedade e que pode ter ajudado a produzir o apagamento que o atingiu.

E esta invisibilidade cria o espaço não só para a importação de teorias e intelectuais, como para o surgimento de oportunistas nacionais, como o autor (branco) de *best-sellers* sobre a sociedade brasileira Jessé Souza. Em suas obras, é comum um tom de autoelogio, arvorando-se o sociólogo o título de inovador ao explicar a história passada e atual do país a partir da escravidão. O autor, deliberadamente, cita e refuta explicações (já refutadas) de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda e Raymundo Faoro, ocultando inúmeros intelectuais brasileiros, fazendo uma única e superficial concessão a Florestan Fernandes, para apresentar sua própria explicação “inédita”, que não é assim tão nova. Como mencionado por Manoel:

O Brasil tem uma longa e poderosa tradição crítica na teoria social e na reflexão sociológica. Não é difícil apontar pensadoras e pensadores que inovaram nas ciências

¹⁰³ Ibidem, p. 33-34.

¹⁰⁴ SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 21.

humanas e são reconhecidos na América Latina e no mundo por sua grande contribuição teórica. Aliado a isso, até o golpe de 1964, a tradição das ciências humanas com horizonte crítico estava intimamente ligada ao movimento comunista, o PCB e/ou a proposta de Revolução Brasileira, conjugando com felizes resultados a reflexão teórica e a ação política, forjando uma práxis que ajudou o brasileiro a conhecer melhor o Brasil.

Era o tempo de Alberto Guerreiro Ramos, Nelson Werneck Sodré, Alvaro Vieira Pinto, Alberto Passos Guimarães, Franklin de Oliveira, Érico Sachs, Josué de Castro e tantos outros imortalizados nas décadas seguintes, como Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Lélia Gonzalez, Heleieth Saffioti etc. A lista de grandes intelectuais brasileiros seria imensa e corro, pelo esquecimento, forte risco de injustiça. Com uma cultura e um legado tão rico, colocar-se no papel de inovador na produção científica e criador de um novo instrumental teórico de compreensão do Brasil é uma tarefa ousada e desafiadora.¹⁰⁵ (Grifei)

É motivo de alegria ver Guerreiro sendo citado como um dos grandes intelectuais brasileiros, o que é raro. Evidente que não se busca aqui apagar sociólogos e antropólogos do Olimpo das Ciências Sociais brasileiras, ou criticar a importação de autores relevantes do pensamento anticolonial e antirracista. O que se pretende é apontar a atualidade e pertinência de Guerreiro, não apenas nos debates sobre as questões étnico-raciais no Brasil (no que ele é, sim, incontornável), mas também para as explicações sobre formação social e sobre colonialidade e descolonização epistêmica e cultural, como se argumentará no próximo capítulo.

¹⁰⁵ MANOEL, Jones. O fantástico mundo de Jessé Souza: notas sobre uma caricatura do marxismo. Opera: revista independente, jan. 2021. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/01/18/o-fantastico-mundo-de-jesse-souza-notas-sobre-uma-caricatura-do-marxismo/>. Acesso em: jul 2023.

3 UM GUERREIRO ANTICOLONIAL ANTES DO DECOLONIAL

“Sem ser protagonista no processo social não se pode ser integralmente um cientista social”. Guerreiro Ramos

Como já abordado, Guerreiro Ramos vem sendo recuperado recentemente, após a republicação de alguns de seus livros mais conhecidos, recebendo atenção sua crítica às questões étnico-raciais e à produção da sociologia brasileira. Sua produção intelectual e atuação militante sempre estiveram marcadas por um discurso crítico, e muitos dos temas que tratou convergem com aqueles hoje tidos como ligados à perspectiva anticolonial. Assim, neste capítulo, buscar-se-á dar centralidade ao que se pode ver na sua obra que poderia ser enquadrado na crítica pós-colonial, especialmente no que se entende como uma valorização do papel da cultura brasileira e de sua produção intelectual na busca de explicações para a constituição de nossa sociedade e nacionalismo.

Se é possível assinalar Franz Fanon como um autor indissociável desta escola, com seus escritos sobre o complexo de inferioridade/superioridade emergentes do processo colonial, especialmente no colonizado negro, como não enxergar a mesma vertente em Guerreiro Ramos quando ele critica o transplante de categorias exógenas, defendendo uma teoria sociológica própria nacional, propondo uma “redução sociológica”?

Assim, em busca de apontar no pensamento de Guerreiro aquilo que se tem, hoje, como ideias ligadas ao pensamento anticolonial, passa-se a descrever este campo e os subsídios específicos do autor, a fim de contribuir, ainda que modestamente, para a recuperação deste grande sociólogo brasileiro, já que esta tentativa de alçar Guerreiro Ramos ao posto de expoente anticolonial não é novidade deste trabalho, estando no centro de pesquisas de autores respeitados da área como Ramón Grosfoguel e Angela Figueiredo¹⁰⁶.

Este capítulo, impositivo mencionar, no que diz com a perspectiva anticolonial e decolonial, desenvolve-se a partir de leituras e reflexões já abordadas em minha dissertação de mestrado¹⁰⁷. Por conta disso, remete-se àquele trabalho para se obter maior aprofundamento

¹⁰⁶ FIGUEIREDO, Angela, GROSFUGUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. *Cienc. Cult.* [online]. 2007, vol.59, n.2, pp.36-41. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: mar 2023.

¹⁰⁷ PANDOLFO, Ana Cristina. *As veias seguem abertas: tráfico de bens culturais e colonialidades*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó- SC, 2021, 201f.

sobre o cânone do pensamento anticolonial e decolonial, o qual será agora confrontado com escritos de Guerreiro Ramos, ao qual se dá maior destaque.

3.1 O PROCESSO COLONIZADOR E A PRODUÇÃO DA MODERNIDADE

Muito do que se tem como crítica anticolonial hoje pode ser rastreada a autores oriundos de países que passaram por processos intensos de colonização. Um dos mais relevantes é Aimé Césaire¹⁰⁸ que, em seu imprescindível “Discurso sobre o colonialismo”, publicado pela primeira vez em 1950, assenta a pergunta: “Colonização e civilização?”, “o que, em seu princípio, é a colonização?”. Sua resposta exprime a colonização como espoliação e usurpação cínica, concluindo que “da colonização à civilização, a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais despachadas, não sobraria um único valor humano”.¹⁰⁹

O argumento de Césaire sobre a desumanidade da colonização – que se funda no desprezo pelo homem nativo e arruína a pessoa que a empreende – é essencial na sua visão da negritude. O termo “negritude”, aliás, foi por ele cunhado e acabou designando todo um movimento – inicialmente literário - de denúncia da dominação cultural e da opressão colonial, ideia que se torna global e pode ser vista, também, nos escritos de Guerreiro. Para Césaire, negritude é o ato de se assumir negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica.¹¹⁰

Guerreiro Ramos teve contato com a obra de Césaire e tece elogios ao seu pensamento, em artigo publicado em 1958 em que defendia:

No mundo contemporâneo descortina-se a propagação da consciência crítica em populações da Ásia e da África. A maioria delas, mesmo as dotadas de formal independência política, não ultrapassou a condição colonial, pois ainda é instrumento de burguesias metropolitanas. Apesar disso, passaram a aspirar à história, e desse estado de espírito coletivo são flagrantes reiteradas ocorrências. (...) Em suma, exprimiram legítima pretensão de realizar na sua plenitude a categoria de pessoa coletiva. Pois, para as coletividades, aspirar à história é aspirar à personalização. A pessoa, como ser eminentemente projetivo, subentende a história. (...) Mas a reação ao colonialismo que hoje se verifica no mundo afro-asiático é, quanto ao caráter,

¹⁰⁸ Césaire, 1913-2008, nasceu na antiga colônia francesa da Martinica. Foi poeta, dramaturgo, ensaísta e político, conhecido como um dos ideólogos do conceito de negritude.

¹⁰⁹ CÉSAIRE, Aime. Discurso sobre o colonialismo. – São Paulo: Veneta, 2020, p. 10-11.

¹¹⁰ DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25–40, 2005. DOI: 10.5433/2176-6665.2005v10n1p25. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>. Acesso em: 9 out. 2023, p. 6.

distinta das anteriores. É a reação contra o colonialismo considerado como sistema, é a reação mediante a qual esses povos fazem uma reivindicação cujo conteúdo não é parcial, mas infinito, universal. (...) É que pretendem ser, eles também, sujeitos de um destino próprio. Nas sociedades coloniais apareceram hoje quadros novos, empenhados num esforço de repensar a cultura universal na perspectiva da autoafirmação dos seus respectivos povos.¹¹¹

Guerreiro chega a estas potentes conclusões mencionando Césaire e sua contribuição para que as comunidades constituam personalidades culturais diferenciadas a nível da universalidade, onde as massas afro-asiáticas, colonizadas e ainda estigmatizadas, atinjam a verdadeira condição humana. Nosso autor já enxergava a produção de uma consciência crítica em populações antes colonizadas, citando a Ásia e a África.

O movimento Negritude, curiosamente, teve como um dos primeiros intelectuais de renome o filósofo francês, branco, Jean-Paul Sartre, com o qual, como já mencionado, Guerreiro teve contato. No famoso texto *Orfeu Negro* (1948), Sartre aponta o caráter subversivo do movimento, que ultrapassa o campo cultural, mas que seria um movimento-etapa de contestação da supremacia branca, não um fim em si mesmo. O fim seria uma sociedade sem nenhuma forma de opressão racial, em que a realização humana não será mediada pela cor.¹¹²

Seguindo na mesma direção crítica dos autores identificados com a forçada diáspora africana, tem-se a questão sobre a América Latina e os autores que se dedicam a entender esta colonialidade específica e, ao mesmo tempo, universal. E a questão central para os pensadores latinos é a da modernidade, que pode ser rastreada principalmente ao teólogo Enrique Dussel - branco, nascido em 1934 na Argentina, expoente do pensamento latino-americano e da filosofia da libertação¹¹³.

Dussel identifica dois conceitos de Modernidade: um eurocêntrico, no qual os colonizadores dominam a razão como processo crítico a fim de sair da imaturidade, proporcionando à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano; e outro é o proposto por Dussel, uma visão da modernidade num sentido mundial, surgida a partir de 1492, com uma História Mundial, promovida pela expansão marítima de Espanha e Portugal. Visão compartilhada por outros teóricos latino-americanos, como Quijano e Mignolo, que também

¹¹¹ RAMOS, 2023, op. cit., p. 285-286.

¹¹² DOMINGUES, op. cit., p. 10.

¹¹³ A filosofia da libertação, para Dussel, é a libertação neocolonial do último e mais avançado grau de imperialismo. Uma filosofia que se levanta da periferia, dos oprimidos, contra a ontologia clássica do centro. Para o autor “Do não-ser, do nada, do outro, da exterioridade, do mistério do sem-sentido, partirá o nosso pensamento. Trata-se, portanto, de uma ‘filosofia bárbara’.” Pretende formular uma metafísica exigida pela práxis revolucionária a partir da formação social periférica que se estrutura em maneiras de produção complexas e entrelaçadas. (DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola/Unimep, 1977, p. 20-21.)

consideram o início da Modernidade com a expansão colonial, inscrevendo nela a história da América Latina.¹¹⁴

Contudo, este não foi o paradigma que se difundiu, sendo a Modernidade fundada num conteúdo mítico, em que a civilização moderna seria desenvolvida e superior, superioridade que a obrigaria a desenvolver os mais primitivos e bárbaros, como resumido por Dussel.¹¹⁵ Assim, para Mignolo, Dussel redesenha o mapa da modernidade e revisa a narrativa do Iluminismo para incluir a história colonial.¹¹⁶

Sobre a modernidade, já na juventude Guerreiro tratou de criticar seus enunciados e as mudanças substantivas que o mundo moderno causou para a vida humana individual e coletiva.¹¹⁷ Seu viés era enfaticamente personalista ou antropológico. Com a ajuda de Weber, o jovem sociólogo destacou os efeitos nefastos sobre a personalidade resultantes dos processos de racionalização promovidos pela modernidade:

Com o desenvolvimento da burocracia, torna-se cada vez mais estreita a esfera onde se realiza a ‘existência qualitativa’, onde se realiza a singularidade específica do ser humano.

Contudo, Max Weber, ao tratar da burocratização, não a estigmatiza [...] se bem que entremostre o seu horror por uma humanidade profissionalizada, por um mundo em que não haverá mais a aventura, mundo em que cada vida deverá transcorrer dentro de uma “carreira”.¹¹⁸

E mesmo mais tarde em sua vida, em 1981, aponta o fracasso da modernidade. Em especial para um país periférico como o Brasil, com a seguinte observação:

O Brasil não tem saída dentro da história moderna e hoje está completamente capturado dentro da história moderna, que é uma história de fracassos. O maior fiasco que já houve é a sociedade industrial. Um grande fiasco! Destruiu os elementos permanentes da existência humana, destruiu a natureza, e nós ainda estamos nessa mentalidade moderna de desenvolvimento, nessas coisas. Está tudo errado. Mas isso já acabou. O modelo de civilização industrial, que constituiu o espelho em que devíamos nos mirar, acabou, não há mais possibilidade, porque estamos na época dos princípios de limites. Você tem de organizar e desenhar a vida pessoal e social dentro da categoria do princípio de limites, para salvar a natureza e salvar a integridade psíquica do homem. O homem está, em toda parte, desintegrado, porque a sociedade industrial está destruindo, agravando a perplexidade dos homens, das mulheres e das crianças¹¹⁹.

¹¹⁴ MIGNOLO, Walter D. Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020, p. 43.

¹¹⁵ Ibidem, p. 29.

¹¹⁶ MIGNOLO, 2020, op. cit., p. 163-164.

¹¹⁷ CRUZ, 2015, op. cit., p. 54.

¹¹⁸ GUERREIRO apud CALDAS, op. cit., p. 305.

¹¹⁹ RAMOS, A. G. Entrevista com Guerreiro Ramos. In OLIVEIRA, L. L. A Sociologia do Guerreiro. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995. p. 178.

Assim, a superação da modernidade só se dará com a negação do mito da modernidade e com o reconhecimento da violência da colonização. Em prol desta mesma ideia, Dussel propôs o conceito de transmodernidade¹²⁰ como alternativa para a ideia eurocêntrica de que a Europa é a produtora original da modernidade e como projeto mundial de libertação, no qual a alteridade se realize.¹²¹ Sobre isso também se podem fazer paralelos com escritos de Guerreiro ainda na década de 1950, quando identificava, nas sociedades coloniais, o aparecimento de quadros novos empenhados em repensar a cultura universal na perspectiva da auto-afirmação de seus respectivos povos.

Não é um comportamento romântico que levaria esses povos ao enclausuramento, a se apegarem aos seus costumes sob a alegação realmente suicida, de preservá-los em sua pureza; é antes uma atitude que não exclui o diálogo, pois contém a consciência de que, para ser historicamente válida, a auto-afirmação dos povos deve confluir para o estuário de todas as altas culturas da humanidade.¹²²

Deste curto trecho podemos tirar muitas ideias caras ao pensamento anticolonial, como a de não essencialização ou “enclausuramento” dos povos colonizados e da ideia de que todas as racionalidades existentes podem integrar a “humanidade”, sendo consideradas como “altas culturas”, numa verdadeira ecologia dos saberes, como elaborado décadas mais tarde por Boaventura (português, branco, com pesquisas realizadas na América Latina e muito citado no pensamento decolonial), ao usar o termo epistemologias do Sul para designar “conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado.” O objetivo destas epistemologias seria permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações¹²³.

A crítica a uma ciência, especialmente uma sociologia, tida como “universal”, estava no centro do pensamento de Guerreiro, que defendia que esta haveria de respeitar contingenciais espaço-temporais e históricos, por meio da qual um país de formação colonial produziria uma

¹²⁰ Transmodernidade, para Dussel, refere-se a um mundo para o qual todas as racionalidades existentes possam contribuir, onde o conhecimento é socializado e o totalitarismo epistêmico é superado (MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: Boaventura de Sousa Santos (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências’ revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 677)

¹²¹ DUSSEL, 2005, op. cit., p. 29.

¹²² RAMOS, 1995, op. cit., p. 49.

¹²³ SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p 17.

sociologia autêntica que servisse de instrumento de emancipação nacional, em contraposição à sociologia consular.

3.2 COLONIALIDADE DO SABER ↔ CIÊNCIA CONSULAR

A questão central das teorias pós-coloniais é revelar a violência colonial em todas as suas formas, descortinando a imposição brutal do colonizador não apenas sobre o território e os corpos, mas sobre a cultura, o conhecimento e a forma de vida, com consequências graves na construção de identidades e na produção da ciência.¹²⁴

Em sua obra prima, “A Redução Sociológica”, publicada pela primeira vez em 1953, Guerreiro Ramos dedicou um capítulo à “Mentalidade colonial em liquidação”, no qual identifica no Brasil um conflito entre duas perspectivas: “a do país velho e a do país novo, a da mentalidade colonial ou reflexa e a da mentalidade autenticamente nacional.”¹²⁵ Deste pequeno excerto é possível inferir que o intelectual foi vanguarda em identificar os efeitos do colonialismo para além da dominação material, mas uma dominação da mentalidade, da ciência e da cultura, em moldes similares ao de autores largamente referenciados na crítica anticolonial (Fanon, Mignolo, Quijano, etc).

Em outra obra, Guerreiro reiterou que “nasceram os países latino-americanos sob o signo da transplantação cultural. Suas instituições não são produto da evolução. Foram para lá transferidas nas suas formas terminais”¹²⁶, outra vez trazendo a cultura para o centro do debate colonial.

Desconstruir essa hegemonia epistêmica e descolonizar o conhecimento é o mote da proposta de Redução Sociológica, vez que o autor não apenas condena uma transplantação acrítica de conhecimento majoritariamente europeu ou estadunidense, como advoga por uma produção científica autóctone, que não seja apenas rigorosa em método mas induzida de nossas condições e necessidades específicas. Aqui vale citar trecho em que, inclusive, o termo “descolonizar” aparece nas palavras do sociólogo:

¹²⁴ Para um referencial mais abrangente sobre o pensamento anticolonial e Decolonial, remete-se à dissertação da estudante, já referenciada acima.

¹²⁵ RAMOS, 1996, op. cit., p. 68.

¹²⁶ RAMOS, 1995, op. cit., p. 113.

E justamente o que o sociólogo mentalmente descolonizado adquire é uma prática social em que fundamenta a sua elaboração teórica. Diversamente do que acontecia na situação colonial, abre-se diante dele a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento científico, não apenas como fornecedor de material informativo, mas como criador no plano dos conceitos. Articulando o seu pensamento com a prática social, o sociólogo, que deixou de ser mentalmente colonizado, passa de consumidor passivo de ideias importadas a instrumentador e até mesmo a produtor de novas ideias destinadas à exportação. Provavelmente, em breve, será despertada a atenção dos estudiosos para o fato de que temos, hoje, no Brasil, uma teoria sociológica geral mais penetrante e avançada do que a norte-americana, capaz inclusive de envolvê-la e explicá-la¹²⁷. (Grifei)

A colonialidade do saber - termo cunhado por Quijano em meados dos anos 1970 e central para o pensamento decolonial - é ideia que já estava contida nos primeiros escritos sociológicos de Guerreiro, emblematicamente nas expressões “sociologia consular”, “sociologia enlatada” ou ciência consumida como “conserva cultural”. Embora esta possa parecer uma afirmação atrevida deste trabalho, tomo tal liberdade após atenta leitura das obras mais relevantes do autor e de trechos como os que seguem:

No Brasil, dizíamos, o trabalho sociológico reflete também deficiência da sociedade global, a dependência. No caso, a dependência se exprimia sob a forma de alienação, visto que habitualmente o sociólogo utilizava a produção sociológica estrangeira, de modo mecânico, servil, sem dar-se conta de seus pressupostos "históricos originais, sacrificando seu senso crítico ao prestígio que lhe granjeava exibir ao público leigo o conhecimento de conceitos e técnicas importadas. "Sociologia enlatada", sociologia consular", era em grande parte a que se fazia aqui. "Não se tem conseguido, no Brasil - dizíamos em 1954 na Cartilha - formar especialistas aptos a fazer uso sociológico da sociologia.¹²⁸

No domínio das ciências sociais, essa tensão também se verifica. Até agora, considerável parcela de estudiosos se conduziu sem se dar conta dos pressupostos históricos e ideológicos do seu trabalho científico. Sua conduta era reflexa e se submetia passiva e mecanicamente a critérios oriundos de países plenamente desenvolvidos.¹²⁹

O sociólogo indígena parte, quase sempre, de um sistema importado, ao qual dá validade absoluta e se filia incondicionalmente. O mal vem de origem. (...) Além de consular, esta é uma sociologia que pode ser dita enlatada, visto que é consumida como uma verdadeira conserva cultural.¹³⁰

Esta colonialidade do saber foi por muito tempo difundida pelas próprias Ciências Sociais. A antropologia e seu paradigma evolucionista foi grande aliada do colonialismo europeu do século XIX na África. A escola da antropologia social britânica foi colocada a

¹²⁷ RAMOS, 1996, op. cit., p. 126.

¹²⁸ Ibidem, p. 9-10.

¹²⁹ Ibidem, p. 68.

¹³⁰ RAMOS, 1995, op. cit., p. 108.

serviço do governo colonial, ao ponto de um de seus expoentes, Evans-Pritchard, ser empregado como administrador colonial e ter um conhecido trabalho de “pacificação” do povo que estudou.¹³¹

Crítica feita à exaustão por Guerreiro, denunciando o caráter “domesticador” da antropologia. Em suas palavras (texto publicado em 1954):

De modo geral, a antropologia europeia e a norte-americana têm sido, em larga margem, uma racionalização ou despistamento da espoliação colonial. Esse fato marca nitidamente o seu início, pois ela começou fazendo dos povos “primitivos” o seu material de estudo. Entre outras, a noção de raça assinalou, durante muito tempo, as implicações imperialistas da antropologia¹³².

E mesmo a mudança do paradigma racista para o culturalista não se desvinculou de uma visão hierarquizadora, apenas passou a vincular as relações de poder às culturas e não mais à cor da pele - pelo menos no discurso antropológico. Na concepção fanoniana, afirma-se de início “a existência de grupos humanos sem cultura; depois, de culturas hierarquizadas; por fim, a noção de relatividade cultural”, um ricochete sociocêntrico que não é recíproco.¹³³

Deste modo, considerando que a colonialidade do saber implica, inescapavelmente, uma dependência histórico-estrutural, dela também decorre a hegemonia do eurocentrismo como perspectiva de conhecimento, que se torna a única forma de conhecer, de saber. E as consequências dessa colonização cultural produzem repercussões e consequências à nação que se sucedeu à independência, condenada à imitação, à simulação e à vergonha de si mesma.¹³⁴ E Guerreiro nos apresenta um método para escapar a esta armadilha colonial: a Redução Sociológica.

Este método será objeto de tópico específico ao final deste trabalho, importando mencionar aqui que desde que o autor passou a ter como preocupação a produção da Sociologia no Brasil, ele partiu de uma posição anticolonial e contrária a uma ideia de ciência universal ou sociologia universal. Tanto que afirmou:

O ideal da sociologia universal nos países líderes do pensamento sociológico é um sintoma de etnocentrismo. Nos países culturalmente coloniais é uma superafetação compensatória do complexo de inferioridade de certos elementos da elite. (...) A tarefa imanente da sociologia no Brasil é aplicar-se na denúncia destas e de outras alienações vigentes em nosso meio, é aplicar-se na criação das molduras intelectuais da nação, em difundi-las em massa até transformá-las em comportamentos automáticos generalizados. O problema da organização da sociedade brasileira é primacialmente,

¹³¹ KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978, p. 117 e 147.

¹³² RAMOS, 2023, op. cit., p. 138-139.

¹³³ FANON, 2021, op. cit., p. 69.

¹³⁴ QUIJANO, 1997, op. cit., p. 123-125.

o problema da forma mesma que esta sociedade deve assumir, forma que, no caso do Brasil, tem de ser obra de criação sociológica.¹³⁵

Já nos seus primeiros escritos, no início da década de 1950, identificou um engessamento de nossa mentalidade e de nossa sociologia, um colonialismo que sobreviveu ao fim do período colonial, um mimetismo que atingia mesmo os maiores pensadores brasileiros, do qual era preciso se livrar a fim de alcançar a verdadeira emancipação e construir uma identidade nacional e, no limite, uma ciência a ser expandida ao *status* de, sendo autenticamente brasileira, universal.

3.3 ESTUDOS SUBALTERNOS E O BRASIL: UM GUERREIRO DO PENSAMENTO LIMINAR

Por que não Guerreiro Ramos? Esta pergunta vem sendo levantada recentemente por pesquisadores envolvidos com os estudos pós-coloniais, refletindo que a resposta tem relação com uma “política do esquecimento” que vem apagando da memória a contribuição acadêmica de autores negros¹³⁶. Um apagamento que impediu o conhecimento, mesmo em nossas universidades, de um autor que esteve à frente da Sociologia desde sua institucionalização, que manteve íntimo e caloroso debate com o cânone e propôs ideias originais e robustas.

E sua relevância ultrapassa nossas fronteiras nacionais - não apenas pois o autor se mostrou muito competente e prolífico enquanto professor de universidades estadunidenses – mas porque seus escritos mantêm diálogo muito próximo com o que, hoje, se conhece como pensamento pós-colonial ou decolonial.

Para Mignolo o pensamento pós-colonial não é apenas um novo campo de estudo, mas uma condição para um projeto de construção de uma nova epistemologia que inclua os que vivem e refletem a partir do legado do colonialismo. As colônias e ex-colônias não produzem apenas culturas a serem estudadas por antropólogos, brotando daí intelectuais, teorias e historiografias que refletem sua própria experiência.¹³⁷

E isso já era defendido por Guerreiro em sua Cartilha, ao afirmar que:

¹³⁵ RAMOS, Alberto Guerreiro. O processo da sociologia no Brasil: esquema de uma história das ideias. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1953, p.40-41.

¹³⁶ FIGUEIREDO, GROSFUGUEL, op. cit., p. 36.

¹³⁷ MIGNOLO, 2020, op. cit., p. 25-26.

É necessário, através de um processo de estilização científica, transportar para o plano abstrato dos conceitos as realidades históricas efetivas. (...) Os conceitos sociológicos não saíram da cabeça dos sociólogos, não lhes foram revelados em uma hora de mediunidade; resultaram do exame crítico de situações vividas, dentro de limites históricos.¹³⁸

Mignolo cunhou, para descrever esta gnose que surge do mundo pós-colonial subalternizado, o termo pensamento liminar, referindo-se a uma epistemologia emergente que, na perspectiva do subalterno, absorve e desloca formas hegemônicas de conhecimento, negando que seja uma nova espécie de sincretismo, mas um “sangrento campo de batalha na longa história de subalternização colonial do conhecimento e da legitimação da diferença colonial”.¹³⁹ O pensamento liminar é uma máquina para a descolonização intelectual, política e econômica.¹⁴⁰

Nesta perspectiva, podemos identificar Guerreiro como um pensador liminar, um desobediente, que deslocou o pensamento sociológico até então praticado no Brasil para um campo novo, questionando suas fundações e sua transposição acrítica. Sua intenção era de uma radical descolonização, tanto da mentalidade do pensador quanto de nossa sociedade. Entrou neste sangrento campo de batalha, armado de um profundo conhecimento filosófico e sociológico, além de coragem, e foi objeto de intenso ataque, inclusive vítima de fogo “amigo”.

Ao final de uma Semana de Estudos promovida pelo Teatro Experimental do Negro, em 1955, “considerando as novas perspectivas abertas pela atual teoria social científica acerca das questões coloniais”, Guerreiro elaborou uma declaração de princípios, dos quais destaco:

1. É desejável que os organismos internacionais, cujo objetivo nominal é estimular a integração dos povos, sejam cada vez mais encorajados a discutir medidas concretas tendentes à liquidação do colonialismo, em todas as suas formas e matizes, uma vez que a mera proclamação de direitos e de princípios, sob forma acadêmica e em abstrato, pode prestar-se (e frequentes vezes se tem efetivamente prestado) para a coonestação da injustiça e da espoliação.¹⁴¹

(...)

3. Sem prejuízo do direito de as nações escolherem o seu próprio destino, é condenável toda medida ou toda política, ainda que justificada no direito de autodeterminação, que tenha por objetivo, direto ou indireto, fazer retornar as minorias e os povos de cor

¹³⁸ RAMOS, Alberto Guerreiro. Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo. Rio de Janeiro: Andes, 1954, p. 89.

¹³⁹ Ibidem, p. 35.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 74.

¹⁴¹ Este princípio lembra o que Fanon escreveu em 1961: A ONU “nunca foi capaz de resolver de maneira válida nenhum dos problemas apresentados à consciência humana pelo colonialismo, e a cada vez que ela interveio foi para socorrer concretamente o poder colonialista do país opressor. (...) Na realidade, a ONU é a carta jurídica utilizada pelos interesses imperialistas quando a carta da força bruta não funciona. (...) A ONU, em seu atual estado, não passa de uma assembleia de reserva, estabelecida pelos grandes, para levar adiante, entre dois conflitos armados, a ‘luta pacífica’ pela partilha do mundo.” (FANON, 2021, op. cit., p. 273).

às formas arcaicas de sociabilidade e de cultura, ou conservá-las marginais nas condições ecumênicas contemporâneas.

(...)

4. é necessário desenvolver a capacidade crítica dos quadros científicos, intelectuais e dirigentes dos povos e grupos de cor, a fim de que eles se tornem aptos a discernir nas chamadas ciências sociais o que é mera camuflagem e sublimação de propósitos espoliativos e domesticadores e o que é objetivamente positivo na perspectiva das sociedades ditas subdesenvolvidas.

5. é desejável que o governo brasileiro apoie os grupos e instituições nacionais que, pelos seus requisitos de idoneidade científica, intelectual e moral, possam contribuir para a preservação das sadias tradições de democracia racial¹⁴² no Brasil, bem como para levar o nosso país a poder participar da liderança de forças internacionais interessadas na liquidação do colonialismo.¹⁴³ (Grifei)

Segundo Ballestrin, há um vazio no debate pós-colonial e decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade consistente na questão sobre e com o Brasil. A colonização portuguesa foi a mais duradoura empreitada colonial europeia e criou especificidades ao caso brasileiro. O país, no entender da autora, aparece quase como uma realidade apartada da realidade latino-americana, destacando a ausência de brasileiros no grupo mencionado, o que resultaria uma análise muito focada na América hispânica em prejuízo da portuguesa e que chega a ignorar processos de colonialidade e subimperialismo dentro do continente, à exceção dos Estados Unidos.¹⁴⁴

Embora se reconheça este vazio, conhecendo mais a fundo Guerreiro, assim como outros autores relevantes que vêm sendo reavivados recentemente como Lélia González e o próprio Darcy Ribeiro, é intenção deste trabalho apontar que, quiçá, o “giro decolonial” tenha começado a ser feito, no Brasil, antes do grupo Modernidade/Decolonialidade. E o fato de pouquíssimos brasileiros serem mencionados nos estudos do grupo é por demais significativo. Especialmente quando um de seus expoentes, Boaventura, é um português que realizou suas pesquisas no Brasil.

¹⁴² Aqui importante mencionar que Guerreiro se valeu muito da ideia de democracia racial em sua luta antirracista nos tempos do TEN. Ainda que tais posicionamentos possam parecer contradições não resolvidas, Barbosa aponta que o autor se usava da ideia de democracia racial a favor da luta antirracista, sendo um discurso usado pelas elites negras do período contra o racismo realmente existente no país, uma questão tática. Além disso, quando autores do período mencionavam a democracia racial o faziam comparativamente a regimes institucionalmente segregadores, como África do Sul e Estados Unidos. Assim, “na temática das relações étnico-raciais, sobretudo em seus mencionados escritos entre fins dos anos 1940 e o início dos anos 1950, nem todas as afirmações do autor devem ser entendidas literalmente, ou em suas últimas consequências. É importante compreender o todo onde elas se inserem, ou seja, dentro do jogo político do TEN e de Guerreiro à época.” (RAMOS, 2023, op. cit., p. 19-20.)

¹⁴³ RAMOS, 2023, op. cit., p. 223-224.

¹⁴⁴ BALLESTRIN, 2013, op. cit., p. 112.

Guerreiro não só se colocou como um intelectual, mas como um militante contra a colonialidade, preocupado com uma teoria dedicada especialmente a produzir uma ciência descolonizada, descrevendo-a em minúcias e advogando pelo seu uso nas mais diversas ciências humanas, mas com grande ênfase na Sociologia, a já citada Redução Sociológica, que passo a descrever.

3.4 FLECHA DE GUERREIRO RAMOS: A REDUÇÃO SOCIOLÓGICA

A principal arma de Guerreiro para uma descolonização epistêmica, a ser usada não apenas nas Ciências Sociais mas em qualquer ciência a ser produzida num país de passado colonial, é a redução sociológica que, nas palavras do próprio autor, seria “um método destinado a habilitar o estudioso a praticar a transposição de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para a outra.” Para Guerreiro, o que move a redução sociológica é a consciência de que existe uma “perspectiva brasileira”.¹⁴⁵

Tratar-se-ia de uma assimilação crítica dos produtos científicos importados, em oposição a uma assimilação literal, a ser aplicada não apenas à sociologia propriamente, existindo uma redução sociológica do direito, da economia, da política, da antropologia cultural, da psicologia, da filosofia, das ciências da cultura em geral.¹⁴⁶

O termo “redução” significaria desembaraçar uma ideia de todos os componentes secundários para expor aquilo que é em essência. A exemplo da redução de um minério. Ou seja, retirar aquilo de caráter acessório que perturba o esforço de compreensão. No campo da sociologia, redução descreve a atitude metódica “que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social”.¹⁴⁷

Além de atitude metódica, a redução não admite a existência na realidade social de objetos sem pressupostos, pois os fatos da realidade social fazem parte de conexões de sentido, estando referidos uns aos outros por um vínculo de significação. É, também, perspectivista, ou seja, a perspectiva em que estão os objetos em parte os constitui. Portanto, se transferidos para outra perspectiva, deixam de ser exatamente o que eram.

Ademais, seus suportes são coletivos e não individuais. O sociólogo chega à redução sociológica quando torna sua uma exigência de autoconformação surgida na sociedade em que

¹⁴⁵ RAMOS, 1996, op. cit., p. 42.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 68.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 71.

vive. Para que se aprenda a redução sociológica, deve-se viver numa sociedade cuja autoconsciência assuma as proporções de processo coletivo. A redução não é um ato de lucidez individual, mas funda-se numa lógica imanente à sociedade.¹⁴⁸

Contudo, o autor se apressa a dizer, como um procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira, a redução sociológica não implica isolacionismo, nem exaltação romântica do local, regional ou nacional. Ao contrário, dirige-se a uma aspiração universal, mediado, porém, pelo local, regional ou nacional.¹⁴⁹

Nas palavras de Guerreiro:

A idéia de redução se encontra em antecedentes próximos do que, atualmente, se chama de sociologia do conhecimento. (...) Porque não se iniciaram neste princípio metódico, é que até mesmo sociólogos, principalmente nos países coloniais, ainda não fazem uso sociológico da sociologia. Para assumir atitude sociológica científica, não basta a informação e o conhecimento das idéias e dos sistemas. Nada pode suprir, na formação da atitude sociológica científica, a prática da redução. O sociólogo não é mero alfabetizado em sociologia, não é somente aquele que conhece a literatura deste campo de saber. Sociólogo é o que pratica a redução sociológica.¹⁵⁰

Guerreiro não se furta a citar continuamente suas influências intelectuais ao descrever a redução sociológica, como Husserl, Heidegger e Mennheim, tendo raízes no pensamento fenomenológico e culturalista. Dizia-se pós-marxista, “como Marx foi pós-hegeliano, pós-feuerbachiano”, demarcando que o ponto de vista proletário é a referência básica de seu pensamento sociológico, embora se recusasse à idolatria de fetiches verbais para enquadrar sua prática numa suposta ciência revolucionária.¹⁵¹

3.4.1 As leis da Redução Sociológica

Detalhando este método, o autor apontou que ele se assenta em quatro leis, sendo elas, a Lei do Compromisso, a Lei do Caráter Subsidiário da Produção Científica Estrangeira, a Lei da Universalidade dos Enunciados Gerais da Ciência e a Lei das Fases.

A Lei do Comprometimento preconiza que a redução sociológica depende de uma postura de engajamento do cientista social, de compromisso consciente com o seu contexto. O mundo não é um amontoado de objetos que possam ser contemplados de fora, estamos no mundo e por

¹⁴⁸ Ibidem, p. 73.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 73.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 93-94.

¹⁵¹ Ibidem, p. 35-37.

ele somos constituídos. “O homem é ser-no-mundo, não, porém, como um par de sapatos está numa caixa, mas enquanto suas ações implicam o mundo, ou uma visão prévia do mundo (Weltanschauung)”.¹⁵²

Esta lei, conforme alerta o autor, impõe um limite ao estudioso exógeno, especialmente ao europeu, pois sua prática entra em conflito com a prática do estudioso de “regiões subdesenvolvidas”, limite que só pode ser ultrapassado se, por um esforço de “desideologização”, conseguir adotar o ponto de vista universal da comunidade humana, transcendendo seu contexto histórico-social particular¹⁵³. Aqui percebe-se sua crítica ao pensamento científico europeu que se considera universal, não como comunidade humana universal, mas como superior em oposição a outros povos.

A Lei do Caráter Subsidiário da Produção Científica Estrangeira é autoexplicativa. Mas aqui o autor apresenta suas críticas mais contundentes à sociologia que chamava consular feita no Brasil:

Propõe-se aqui a expressão "efeito de prestígio" para explicar a vida intelectual das camadas letradas das regiões subdesenvolvidas. Esse efeito se verifica por força de um contato à distância entre as pessoas e os grupos, em que determinados modos de ser e pensar, particulares a um povo, são idealizados, e, graças ao prestígio desse povo, propagados, como dogmas, aos outros povos. A atitude dos sociólogos que, diante da produção sociológica importada, se comportam como os elegantes e os *snoobs* em face dos figurinos das capitais da moda, também pode ser explicada pela psicologia da "coqueteria". Uns e outros, em diferentes graus, é certo, se movimentam no âmbito da consciência ingênua. Ora, o sociólogo genuíno é, exatamente, aquele que, por profissão, é portador do máximo de consciência crítica diante dos fenômenos da convivência humana. Por conseguinte, em um país periférico, o avanço do trabalho sociológico não se deve avaliar pela sua produção de caráter reflexo, mas pela proporção em que se fundamenta na consciência dos fatores infra estruturais que o influenciam. A capacidade de utilizar sociologicamente o conhecimento sociológico é o que caracteriza o especialista de real categoria. O sociólogo *up to date* por sistema, sendo desprovido desta capacidade, ilustra um caso de dandismo no domínio da sociologia. Nos países periféricos, a sociologia deixa de ser atrasada na medida em que se liberta do “efeito de prestígio” e se orienta no sentido de induzir as suas regras do contexto histórico-social em que se integra.¹⁵⁴

Essa ideia de “efeito de prestígio” se assemelha à ideia de capital cultural e de distinção de Bourdieu. O sociólogo francês identifica três tipos de capital empregados em nossas ações: simbólico, cultural e econômico. O capital simbólico faz referência à capacidade de atribuir significado a objetos; o capital cultural é arcabouço de habilidades e conhecimentos que

¹⁵² Ibidem, p. 105-107.

¹⁵³ Ibidem, p. 109.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 119-120.

detemos e utilizamos em nossas ações; e o capital econômico representa o acesso que temos a riquezas e recursos materiais.¹⁵⁵ Bourdieu traça a estratégia da burguesia que, impedida de invocar um direito de sangue – o que não coadunaria com o legado da Revolução Francesa -, alicerça seu privilégio na educação e na cultura, numa ideia de mérito que, acusa, não é mérito¹⁵⁶. Desloca a distinção de classe do terreno econômico para o da cultura, que é usada para justificar sua *distinção*, sua marca de diferença – diferença criada pela posse e consumo de bens simbólicos como obras de arte ou conhecimento – e aí justifica o monopólio dos instrumentos da apropriação dos bens culturais.¹⁵⁷

Para Guerreiro, produzir um tipo de sociologia além deste efeito exige do sociólogo um esforço muito maior que o de mera aquisição de ideias, impondo uma destreza intelectual que se assemelha ao que os antigos chamavam de “habitus”, distinguindo a “sociologia em hábito da sociologia em ato”,¹⁵⁸ como já abordado anteriormente.

Importa dizer que o *habitus* mencionado por Guerreiro refere-se ao que os escolásticos definiam como uma aptidão inata ou adquirida pelo treinamento, em que cada ciência teria um *habitus* específico¹⁵⁹. Mas impossível não relacionar com o conceito também descrito por Bourdieu, como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, “integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”¹⁶⁰. Conceito mais amplo que pensa as relações sociais como um todo, enquanto Guerreiro aplica o conceito ao campo da produção das Ciências Sociais.

Guerreiro critica o caráter ocioso da prática sociológica nos países coloniais por não ter exigências próprias, mas obedecer às variações das correntes estrangeiras. Uma sociologia da moda. Defendendo que “a prática da redução que converte o sociólogo de consumidor (coleccionador) de ideias em produtor de ideias. A produção sociológica estrangeira, para o

¹⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 72.

¹⁵⁶ Aqui vale lembrar o que Bourdieu denuncia em outra obra: que a escola e as universidades têm sido usadas pelas elites para obter um verniz de mérito e reproduzir e ampliar seu poder. Ou seja, os estudantes buscam um título/prêmio que os habilite a exercer de forma legítima um poder que, em geral, já possuem. Afirma que mais do que um fator de mobilidade social, a escola serve para a conservação do status quo, pois fornece uma aparência de legitimidade às desigualdades sociais. (BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2007, p.41-64.)

¹⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003, p. 167-168.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 120.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 120.

¹⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. Sociologia. (Organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, p. 65.

sociólogo que fundamenta sua especulação na prática social, não vale como paradigma ou modelo, mas apenas como subsídio.”¹⁶¹

Esta lei ganha centralidade no presente trabalho ao se colocar contra a importação acrítica de ideias, contra a colonialidade do saber, ao ponto de o autor mesmo reconhecer que esta prática é comum a todos os países coloniais. Para Guerreiro, “nesses países periféricos, a sociedade não está fundada segundo critérios próprios, é algo a fundar”, e é “o imperativo de acelerar, de modo historicamente positivo, a transformação de contextos subdesenvolvidos que impõe ao cientista de países periféricos a exigência de assimilar não mecanicamente o patrimônio científico estrangeiro”.¹⁶²

A terceira lei é a da Universalidade dos Enunciados Gerais da Ciência e pode ser formulada na ideia de que a redução sociológica somente admite a universalidade da ciência no domínio dos enunciados gerais. Não implica, de modo algum, em negar a universalidade da ciência, mas em fazer o cientista submeter-se à exigência de referir o trabalho científico à comunidade em que vive.

Este enunciado responde às críticas de que a redução sociológica pretende ignorar a produção científica exógena, ou seu poder de extrapolação. Para Guerreiro, a sociologia, como toda ciência, é universal em duplo sentido. Em primeiro lugar porque reconhece a grande comunidade que teria se tornado o mundo moderno, onde os povos estão estreitamente relacionados uns com os outros (fazendo lembrar o conceito de “aldeia global”¹⁶³). Mais do que nunca, a ciência é universal porque resulta de um esforço organizado de especialistas de toda parte. Por conta disso, em qualquer país, todo cientista deve se manter a par do estado geral do conhecimento, principalmente no domínio ao qual se dedica. A ciência é, pois, universal, enquanto patrimônio de aquisições comuns a todos os cientistas do mundo. Assim, “em ciência, não há lugar para o jacobinismo, ninguém pode realizar progressos senão a partir do que foi conquistado pelo esforço universal dos cientistas”.¹⁶⁴

Aqui cito as palavras do próprio autor pela importância de seus termos, à luz da temática anticolonial e da época dos escritos (1953):

¹⁶¹ RAMOS, 1996, op. cit., p. 114.

¹⁶² Ibidem, p. 110.

¹⁶³ Este é um conceito de Milton Santos, para o qual o mundo teria se tornado uma aldeia global, com distâncias encurtadas, onde as pessoas começam a participar de um “único mundo sem fronteiras.” O encurtamento das distâncias difunde a noção de tempo e espaço contraídos, como se o mundo estivesse ao alcance da mão de todos. (SANTOS, Milton. Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal) Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁶⁴ RAMOS, 1996, op. cit., p. 123-124.

Se o sociólogo é também um ser em situação, por que motivo a sociologia verdadeiramente nacional não tem sido possível no Brasil? Trata-se de que, neste caso, o sociólogo se encontrava numa situação colonial, na qual tudo participa da natureza deste fenômeno social total, que, em essência, consiste na alienação. Tudo é colonial na colônia, observa, com razão, Roland Corbisier, inclusive a mentalidade dos que nela vivem. Significa dizer: a situação colonial como um todo, e, portanto, a consciência do sociólogo colonial, é essencialmente condicionada por fatores externos e secundariamente por fatores internos. O sociólogo, também "ser-no-mundo", está incluso na referida situação e, portanto, não pode superar individualmente, neutralizar o seu determinismo global e conduzir-se como "ser-do-mundo" particular em que vive. E necessário que um conjunto de fatores favoráveis venha revelar a heteronomia da vida colonial à consciência dos que dela participam (inclusive o sociólogo) para que se sintam convocados a superá-la, contrapondo-lhe uma conduta comum autodeterminada. Nessas condições, os problemas do mundo particular em que vive o sociólogo tornam-se os seus problemas e o seu pensamento ganha funcionalidade na medida em que está referido à sua comunidade. O que diferencia em nacionais as sociologias é o caráter necessariamente particular de que se revestem os pontos de vista dos sociólogos, tanto quanto sejam significativa e funcionalmente adequados aos problemas da nação em que vivem.¹⁶⁵ (Grifei)

Não é demais repisar como o autor foi pioneiro em reconhecer uma mentalidade colonial na colônia, para além do colonialismo material, décadas antes da ideia de colonialidade de Quijano e ao mesmo tempo em que Fanon descrevia o complexo colonial e seu efeito na psique do colonizado branco e negro.

Por fim, a Lei das Fases anuncia que a razão dos problemas de uma sociedade particular é sempre dada pela fase em que tal sociedade se encontra. Aqui reconhece a grande influência de Marx, afirmando que a fase é uma totalidade histórico-social, cujas partes estão dialeticamente relacionadas. E as diferentes seções do acontecer histórico impõem limites, definindo um modo sociológico de pensar.¹⁶⁶

Cabe lembrar que Guerreiro foi um grande estudioso dos clássicos da sociologia, especialmente Marx, Durkheim e Weber. Em suas próprias e autênticas palavras:

Esse negócio de Max Weber, de Marx, tudo isso, se você não passou por isso não sabe nada. Quem não passou por Marx não sabe nada, quem não passou por Max Weber não sabe nada. Você tem que saber esse negócio todo. Mas isso está no inconsciente, são pontas de lápis. Quando você escreve, você é Alberto Guerreiro Ramos. Você pode citar sujeitos, mas reage aos problemas.¹⁶⁷

Estes e mais um exército de filósofos e sociólogos impulsionaram seu pensamento original e militante. Pensamento que logrou sincretizar a sofisticação da sociologia em voga em

¹⁶⁵ Ibidem, p. 125-126.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 135.

¹⁶⁷ DE PAULA in CAVALCANTI, COSTA, 2019, op.cit., p. 195.

sua época, apresentada então apenas como enunciados gerais, com a ecologia dos saberes que surgem e sempre surgiram em diferentes culturas, a fim de pensar o social do seu próprio local, dentro de sua própria “fase” e a serviço de uma emancipação e criação do povo brasileiro.

O autor conclui sua obra mais relevante afirmando que o pensar sociológico não é uma inovação da sociedade europeia, pois ele constitui uma parte essencial de toda filosofia, teoria política, religião, magia ou costume surgido desde os tempos mais remotos em qualquer cultura. O pensar sociológico sempre surgiu a partir de diferentes formas de saber ao seu alcance, em todo período em que o social aflora à consciência do homem. Mas essa consciência é também constituída pela realidade histórico-social e sempre aparecerá sob a forma do tipo de saber dominante em cada cultura. Por isso, e usando as palavras de Guerreiro, “sociologia possível numa cultura primitiva terá de ser revestida de magia; na cultura hindu e chinesa terá de ser envolvida pela religião; no mundo grego, pela filosofia; no mundo ocidental tardio, terá de aspirar a ser uma física social”¹⁶⁸.

3.4.2 A redução sociológica e o sociologizar

A redução sociológica, como método, tem no fazer sociológico e no cientista social seu ponto de apoio, mas também no indivíduo leigo. Isso era central para Guerreiro: entender que a sociologia não é especialização, ofício profissional, exceto na fase histórica em que nos encontramos em que as barreiras sociais vedam acesso da maioria das pessoas ao saber. “A vocação da sociologia é resgatar o homem ao homem, permitir-lhe ingresso num plano de existência autoconsciente. E, no mais autêntico sentido da palavra, tornar-se um saber de salvação. A redução sociológica é a quintessência do sociologizar.”¹⁶⁹

A redução descreve uma atitude parentética, outro conceito característico do autor, significando uma habilidade de transcender os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma. Guerreiro Ramos idealiza o homem parentético: um ser “suspenso”, que está “entre parênteses”, com consciência crítica da sua realidade diária. Essa consciência crítica permite colocar entre parênteses as crenças ou normas que lhe são impostas, para refletir criticamente sobre elas e, portanto, exercer sua liberdade. Além disso, o homem parentético se compromete eticamente com a vida social, deixando de lado um relativismo automático, imponderado. Desta forma, “a atitude parentética é definida como a

¹⁶⁸ RAMOS, 1996, op. cit., p. 161-162.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 10-11.

capacidade psicológica de o indivíduo separar-se das suas circunstâncias internas e externas. (...) ‘Os homens parentéticos prosperam quando termina a ingenuidade social’¹⁷⁰.

Como se o homem parentético pudesse afastar-se do ambiente do familiar e examiná-lo como espectador. Um estranho em seu próprio meio social de modo a maximizar sua compreensão da vida. Quase como a ideia da antropologia de tornar estranho o familiar para realizar a etnografia.

Em entrevista concedida em 1956, o autor retoma que quem apenas conhece a literatura sociológica universal, sem realizar a redução sociológica, não ultrapassa o título de mero “alfabetizado” em sociologia. Afirma que “No Brasil, pessoas meramente alfabetizadas em sociologia são erroneamente consideradas sociólogos. A história da sociologia no Brasil é, em larga margem, uma crônica de livros, ou de cadernos de deveres colegiais”.¹⁷¹

E o autor ligava esse fato a um sentimento de inferioridade que afetaria a personalidade do brasileiro, afirmando que “a formação colonial da sociedade brasileira tem dificultado o desenvolvimento entre os brasileiros” de um sentimento de autovalorização, ter-nos-íamos habituado “a ter vergonha de nós mesmos”, e “acreditamos, através de nossa cultura livresca, que só é grandioso o que corresponde aos padrões éticos e étnicos das civilizações que se elaboram em torno do Mediterrâneo e do Báltico”¹⁷².

Para Guerreiro, o patrimônio científico é universal, o que já explicitava germinalmente em 1945, quando dizia ser necessário descolonizar o conhecimento e a formação acadêmica no país:

Os currículos de ciências sociais de nossas faculdades de filosofia precisam corresponder às exigências da vida brasileira. Quase sempre saímos delas criaturas de ficção, prejudicados por uma formação livresca, demasiadamente teórica e abstrata que, em vez de nos entregar à vida, nos predispõe à frustração e ao desajustamento. Urge descolonizar os nossos processos universitários e formação intelectual.¹⁷³

E cabe ressaltar, como alertou o próprio autor, que o nacionalismo, no sentido que divulga e defende, nada tem a ver com xenofobia. É, sim, ontológico, um processo que busca delinear a vida do povo, garantindo a emergência do ser nacional.¹⁷⁴ Para Guerreiro, o nacionalismo era a ideologia que assinalava o advento do povo brasileiro, uma ideologia “dos povos que, na presente época, lutam por libertar-se da condição colonial”.¹⁷⁵

¹⁷⁰ CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p. 127-128.

¹⁷¹ RAMOS, 1995, op. cit., p. 262.

¹⁷² RAMOS, 2023, op. cit., p. 248.

¹⁷³ BARBOSA In: *ibidem*, p. 12-13.

¹⁷⁴ SOUZA, Márcio Ferreira de. Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional : a construção de um projeto para a nação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009, p. 71.

¹⁷⁵ BRESSER-PEREIRA, DIB in CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p. 46.

E além do campo acadêmico, interessava-lhe também o ensino escolar da Sociologia, que iria além de um mero vulgarizar de informações, mas um modo de difundir consciência crítica dos problemas nacionais e promover certa emancipação em relação ao colonialismo cultural, um outro *front* de batalha contra os males da transplantação no senso comum. A sociologia, mesmo nos bancos escolares, serviria a um propósito libertário e conscientizador, suprimindo a ingenuidade alienada.¹⁷⁶ De se perguntar como se sentiria Guerreiro ao ser informado sobre a supressão parcial ou total da Sociologia dos currículos nacionais em diversos projetos após a sua morte.

3.5 GUERREIRO RAMOS: O FILHO NATIVO ANTICOLONIAL

Após todo o exposto, importa lembrar que a questão central das teorias pós-coloniais, segundo Filgueiras¹⁷⁷, é descortinar o papel que as culturas subalternas exercem no conhecimento social e sua relevância para a construção da autonomia. O entendimento de que não há hierarquias em conhecimentos e padrões culturais, mas apenas diferença. A ideia de condição colonial não se limita ao arranjo político e econômico de opressão e exploração, mas também diz com a produção de uma cultura e ciência subalternas, que tem consequências graves na construção de identidades.

Todas essas concepções podem ser encontradas, em um ou outro trabalho, na obra de Guerreiro Ramos, em suas teorias e escritos sobre nacionalismo, questões étnico-raciais e, especialmente, sobre a produção de conhecimento em países subalternizados e de passado colonial. E isso vem sendo apontado por diversas pesquisas e autores contemporâneos, mesmo após décadas de silenciamento e apagamento.

Conforme Bresser-Pereira, “Infelizmente, (...) ainda há razoável ignorância com relação ao pensamento crítico brasileiro (e latino-americano), dir-se-á também pós-colonial, e a enorme capacidade de antecipação de agendas de pesquisa para o século XXI que nos oferece a obra de Guerreiro Ramos”¹⁷⁸. Soares, por sua vez, aponta que “Guerreiro não apenas estava em dia com

¹⁷⁶ BARIANI, 2012, op. cit., p. 14-15.

¹⁷⁷ FILGUEIRAS, Fernando de Barros. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. CADERNO CRH, Salvador, v.25, n. 65, p. 347-363, maio/2012.

¹⁷⁸ BRESSER-PEREIRA In: CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p. 27.

os ideais anti-colonialistas e ‘anti-imperialistas’ como respirava o clima do desenvolvimento brasileiro.”¹⁷⁹

Muryatan Barbosa, escritor do livro “Guerreiro Ramos e o Personalismo Negro” (2015), produto de sua tese de doutorado, e responsável por organizar o recente lançamento da obra “Negro Sou” (2023), compilado de textos de Guerreiro sobre raça, negritude e branquitude, escreve a apresentação deste livro afirmando que o sociólogo foi precursor não só dos estudos sobre branquitude/branquitude em escala internacional:

(...) como também dos estudos latino-americanos contemporâneos que tratam da reprodução de elementos coloniais para além do fenômeno colonial (entendido como dominação militar-administrativa), como se observa nos trabalhos Aníbal Quijano (colonialidade do poder), Walter Dignolo (diferença colonial), Maldonado-Torres (atitude decolonial). Nesse diálogo Guerreiro está atualíssimo, ainda mais levando-se em conta sua crítica pioneira ao paradigma eurocêntrico nas ciências sociais e humanas, desenvolvida no clássico *Redução Sociológica* e no artigo “a situação atual da sociologia” (1958).¹⁸⁰

Naturalmente, como aponta Barbosa, hoje se usam conceitos diferentes para se referir a tal situação colonial, como neocolonialismo ou colonialidade, e o próprio Guerreiro usou vários outros termos ao se referir a este sistema nos anos 1940 e 1950: “situação semicolonial, transplantação, pseudomorfose, mentalidade colonial, mimetismo, alienação, inautenticidade, dualidade, heteronomia.” Cuida-se, no fundo, da mesma questão:

(...) o fato de que, embora tenha conquistado formalmente a independência, o país continuaria a contar com uma estrutura social moldada por uma relação essencialmente colonial, tanto em suas características internas quanto externas: econômicas, sociais, políticas, culturais. Aí se incluí também a questão étnico-racial. Afinal, as pessoas se tornam negras ou brancas dentro de um sistema mundial de classificação eurocentrado, racista, que em cada região adquiriu particularidades, por vezes contraditórias, por vezes ambivalentes; este último teria sido o caso brasileiro.¹⁸¹

Um autor referência do campo decolonial, Ramon Grosfoguel, juntamente com Angela Figueiredo, igualmente reconhece em Guerreiro elementos da perspectiva pós-colonial, afirmando:

As reflexões de Guerreiro sobre o papel político da sociologia, sobre a importância de uma assimilação crítica da teoria e, principalmente, suas considerações críticas sobre os estudos realizados *sobre* e não *desde, junto* ou *com* os negros no Brasil, garantem ao autor não somente uma importância singular no âmbito acadêmico brasileiro, mas

¹⁷⁹ SOARES, 2006, op. cit., p. 117.

¹⁸⁰ BARBOSA In: RAMOS, 2023, op. cit., p. 25.

¹⁸¹ Ibidem, p. 26-27.

também nos permite a leitura de Guerreiro numa perspectiva que de certo modo o aproxima dos autores pós-coloniais – ainda que ele nunca tenha se identificado com essa denominação. Entretanto, Guerreiro foi esquecido, marginalizado, excluído do “panteão dos grandes sociólogos brasileiros”.¹⁸²

Há pesquisas mesmo, como a de Lynch, que chegam a argumentar que a obra de Guerreiro na década de 1950 foi um plano deliberado de elaborar uma teoria pós-colonial aplicada ao Brasil, onde o estudo crítico do pensamento social brasileiro exerceria papel fundamental.¹⁸³

Não apenas seus estudos sobre as relações raciais brasileiras ou sua ideia de redução sociológica poderiam colocá-lo no campo da crítica pós-colonial, como a própria perspectiva pós-colonial pode ser mobilizada para explicar o processo de esquecimento no âmbito acadêmico ao qual Guerreiro foi submetido. Figueiredo e Grosfoguel¹⁸⁴ dão algumas sugestões do que poderia explicar este apagamento, como o fato de o sociólogo ter se envolvido com o movimento integralista quando jovem; sua personalidade marcada pela polêmica, sempre disposto a embates acalorados, destoando do estilo polido de se fazer ciência; o próprio racismo na sociedade e na academia brasileira, já que a epistemologia hegemônica é aquela marcada por uma suposta neutralidade epistêmica, que na realidade tem cor.

É preciso, assim, reconhecer que o autor vem, ainda que tardia e homeopaticamente, sendo resgatado e lido sob uma ótica atual e crítica. Desconfia-se que o autor não aprovaria ser colocado dentro de um ou outro rótulo. Contudo, se este rótulo ajuda a reunir pensadores aliados e dar visibilidade a personalidades com tanto a contribuir, como Guerreiro, tem-se certa tranquilidade em dizer que Guerreiro foi um pioneiro do pensamento pós-colonial, pensando para e a partir do Brasil e que tem muito a oferecer a esta perspectiva em âmbito global.

¹⁸² GROSFUGUEL, FIGUEIREDO, 2007, op. cit., p. 37.

¹⁸³ LYNCH, Christian Edward Cyril. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953–1955). Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 27–45, 2015.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 5-6.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termo deste trabalho uma das primeiras conclusões que me vêm à mente é a de que Guerreiro teria pouco apreço por ser lido como um pensador pós-colonial ou decolonial. O autor sempre foi um crítico vocal das modas acadêmicas e intelectuais ou de qualquer ortodoxia que pudesse embotar o pensamento do cientista social. Ainda assim, e mesmo contra a sua vontade, é preciso reconhecer no autor um grande pensador anticolonial.

Para chegar a esta conclusão, busquei neste trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, primeiramente apresentar um pouco da trajetória pessoal e intelectual de Guerreiro Ramos, descrevendo-o como um *outsider within*, passando pela formação do campo da Sociologia brasileira e pelas teorias mais conhecidas que formam um pouco do nosso cânone. Então, fiz um relato do embate entre o autor e Florestan, a fim de ilustrar o lado polêmico e aguerrido de nosso autor, e um dos possíveis motivos para sua pouca visibilidade em nossa academia. Ainda apresentei a visão de Guerreiro sobre a questão racial no Brasil. Estes tópicos integraram o capítulo dois deste trabalho.

O terceiro capítulo busca apresentar resumidamente o campo do pensamento anticolonial, partindo das ideias de modernidade, colonialismo, para então entender as diversas formas de colonialidades, fazendo paralelos com os escritos de Guerreiro. Mencionei os principais autores e conceitos da perspectiva anticolonial, com destaque aos autores chamados decoloniais, sempre apontando os escritos e posturas de Guerreiro que possam enquadrá-lo nesta crítica, concluindo que o autor se mostrou um verdadeiro pensador liminar e descentrado, que desafiou o campo estabelecido das Ciências Sociais.

Ainda neste terceiro capítulo, apresentei a sua obra mais importante, “A redução sociológica”, apontando os pontos que mais se aproximam de uma epistemologia anticolonial, detalhando suas leis e o que ela exige do sociólogo. Por fim, mencionei alguns outros textos e pesquisadores que confirmam nossa hipótese de que Guerreiro, e em especial sua teoria da redução sociológica, podem ser entendidos como pilares do pensamento pós-colonial brasileiro e latino-americano.

Evidente que não se busca aqui excluir autores ou “canonizar” Guerreiro (com o perdão do trocadilho), mesmo porque há muitas falhas e possíveis incorreções em suas teorias, ou mesmo imposturas sociais e intelectuais (em especial no seu envolvimento com o integralismo e na sua visão sobre desenvolvimentismo, nacionalismo ou mesmo negritude em alguns momentos). O que se pretende é enriquecer as explicações sobre o Brasil e a Sociologia

brasileira com um autor que tem muito a contribuir. À luz de sua produção, tem-se que ela é muito atual e pertinente, em especial nos debates sobre colonialidade e descolonização epistêmica e cultural.

Convém lembrar que a tela pintada por Abdias do Nascimento ao amigo se chamou “A Flecha de Guerreiro Ramos: Oxóssi”. Na mitologia ioruba dos orixás, Oxóssi é um caçador, senhor da floresta e de todos que nela habitam, relacionado à fartura e à riqueza. Este caçador, contudo, possui uma única flecha, e não pode errar. Nunca erra, em verdade. E é um rebelde, foi desobedecendo às ordens que se tornou orixá. Guerreiro, acredito, foi aí muito bem retratado. Sua desobediência e dissidência constantes lhe renderam dificuldades, mas também o levaram a produzir uma teoria das mais autênticas e revolucionárias de nossa época, embora pareça, como este trabalho tentou mostrar, que a flecha que lançou há décadas, só agora esteja atingindo seus alvos.

Guerreiro nunca é maçante. Sua trajetória intelectual e acadêmica poderiam ser vistas sob uma narrativa da jornada do herói, aquela em que o personagem vivencia desafios e, após muitas provações e aprendizados, retorna para casa. Contudo, ao final desta jornada comum nos mitos e na literatura, como descrito por Joseph Campbell¹⁸⁵, o herói retorna com uma importante recompensa. Guerreiro, contudo, nunca se sentiu recompensado por sua obra sociológica, sentiu-se injustiçado. Em vida não recebeu o reconhecimento que achou que merecia. Reconhecimento que este trabalho pretende mostrar que lhe era devido.

A jornada de Guerreiro foi heroica em suas intenções, pois se dispôs a lutar contra as maiores mazelas nacionais, não teve medo de fazer essa “descida aos infernos”, como dizia. Procurou ser um sociólogo “em mangas de camisa”, enfrentando obstáculos que vinham de fora; outros que eram colocados pelo seu próprio gênio. Um cavaleiro (ou guerreiro) andante pelos temas sociais e pelo mundo. A recompensa é, em verdade, oferecida por ele a todo aquele que se disponha a estudá-lo e que consiga se inspirar pela redução sociológica.

Tão interessante se tornou o personagem Guerreiro, que estas associações literárias se tornam inevitáveis. O próprio autor assim se descreveu, já em fase madura e no exílio, em 1983:

(...) eu também tenho sido poeta, e não tenho sido outra coisa na vida. Um incorrigível poeta, em todos os sentidos da palavra, inclusive no sentido vulgar, isto é, o cara que não dá bola para a sensatez, para as razões de Sancho Pança. Sou um Quixote, e Deus me guarde assim. Apaixonado-me facilmente e levo as minhas paixões ocasionais e permanentes às últimas consequências, notadamente a minha grande paixão pela vida.¹⁸⁶

¹⁸⁵ CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 11. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

¹⁸⁶ CAVALCANTI, COSTA, 2019, op. cit., p. 60.

À diferença de Quixote, seus inimigos não eram moinhos de vento, mas profundas feridas em nossa sociedade que permanecem gigantes até hoje. Pelo que seu trabalho segue muito relevante e merece não só resgate e estudo, mas continuidade. Continuidade em especial em áreas que eram pontos cegos ao autor e que podem vir a ser exploradas nas mais diversas interseccionalidades, como a questão de gênero. Este trabalho é silente no tema, mas importa dizer que o autor preocupava-se também com a subalternização da mulher negra, “celebrada, em regra, em termos dionisíacos, como se neles se esgotasse a sua especificidade”¹⁸⁷.

Ao ler Guerreiro pela primeira vez fui tomada por diversas ideias. Algumas de pesquisa, outras que inevitavelmente me levaram a uma autocrítica acadêmica e social, em especial sobre o impacto que podemos ter no mundo, sobre o lugar de luta de cada um por uma mudança significativa, sobre o preço a ser pago pela dissidência. Ao final deste trabalho, sei que pairam ainda muitas perguntas, muitos caminhos que seriam possíveis de se percorrer para se aprofundar no pensamento deste autor.

Em uma possível continuidade da pesquisa, seria interessante fugir dos desafetos do autor – que foram múltiplos – e analisar os seus aliados, como a sua longa amizade com Abdias do Nascimento, que teve muito impacto em sua sociologia e na forma como encarou as questões étnico-raciais no Brasil, assim como seu envolvimento com o TEN. Outro tema fértil seria aprofundar o conceito de *outsider within* ou de pensador liminar tendo Guerreiro como modelo. Ou, ainda, estudar a evolução da ideia de nacionalismo na obra de Guerreiro, iniciando com sua posição dentro do Integralismo até sua maturidade quando, já desiludido, duvidava da possibilidade de o Brasil vir a se constituir como nação, no sentido de povo que toma consciência de si mesmo.

Aqui, importa dizer, residiu uma de minhas maiores surpresas ao longo da pesquisa. O envolvimento de Guerreiro em sua juventude com movimento de características fascistas foi sempre lembrado por seus inimigos e era motivo de arrependimento do autor. Mas conseguir perceber, dentro de sua visão de mundo, justificativas plausíveis para sua inserção naquele meio pode ser ao mesmo tempo surpreendente e assustador. Além disso, provocou em mim um sentimento de solidariedade e identificação, pelo fato de saber que a juventude e o radicalismo andam juntos e provocam equívocos. E que para algumas pessoas, a correção destes erros é mais possível que para outras.

Sinto-me obrigada a revelar um sentimento de insuficiência ao chegar ao final deste trabalho, especialmente por ambicionar compreender e apresentar um autor que se intitulava “o

¹⁸⁷ RAMOS, 2023, op. cit., p. 199.

maior sociólogo do Brasil”. O pouco tempo para se desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso é um grande obstáculo, e é impossível não sentir que deveria ter lido mais alguns textos, ou que aquele um ou outro livro a que não tive acesso poderia trazer algo importante à luz, ou que tenha faltado profundidade num ou noutro tópico. A despeito disso, em algum momento é preciso colocar o ponto final e reconhecer, ao estilo panglossiano, que este foi o melhor trabalho possível.

Apesar de reconhecer estas limitações, sinto muita satisfação pessoal em ter tido a oportunidade de conhecer e estudar com certa profundidade um autor tão instigante e que revolveu minha visão de mundo e da sociologia. Admito que, por diversos momentos, mesmo sob a pressão de terminar o trabalho a tempo e com qualidade, vi-me sorrindo ao escrever, não apenas provocada pelo tom irônico do autor, mas pelo verdadeiro prazer de viajar pela vida e obra de personagem tão interessante.

A grande ambição que tenho ao entregar esta pesquisa, além de alcançar o título de licenciada em Ciências Sociais por uma Universidade Federal a que não tive acesso antes dos 32 anos de idade, é a de levar o nome e o trabalho de Guerreiro Ramos às nossas ementas e bibliotecas e, quem sabe, fazê-lo chegar ao conhecimento de mais professores e estudantes, ao ponto de que a narrativa de Guerreiro Ramos (nosso Birobidjan) não seja mais a de um exército de um homem só, mas a de uma legião de cientistas sociais engajados e professores inspirados pela flecha da redução sociológica.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de. O ISEB e o desenvolvimentismo. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/ISEB>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013.
- BARBOSA, Muryatan S. A atualidade de Frantz Fanon: acerca da configuração colonialista. In Washington Santos Nascimento; Silvio de Almeida Carvalho Filho (Orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Rio de Janeiro: Pontes, 2018, v. I.
- BARBOSA, Muryatan Santana. Guerreiro Ramos: o personalismo negro. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 2.
- BARIANI JUNIOR, Edison. A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). – Curitiba, PR: CRV, 2012.
- BARIANI JUNIOR, Edison. A sociologia brasileira nos anos 1950: heterogeneidade e heteronomia. *Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ)*, v. 1, p. 1-20, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 22, n. 1, p. 47-66.
- BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 164.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (Organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática.
- CALDAS, Alan. A teoria social de Guerreiro Ramos: A formação de um habitus sociológico na periferia do capitalismo. [tese]. Universidade Federal de São Carlos, 2021.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 11. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*, 2006,18/1, p. 271-301.
- CASTRO, Celso. É preciso ampliar o cânone das Ciências Sociais: reflexões sobre uma aventura para Além do Cânone. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/pesquisa-conhecimento/alem-canone-para-ampliar-diversificar-ciencias-sociais>. Acesso em: jun 2023.
- CAVALCANTI, Bianor Scelza, COSTA, Frederico Lustosa da. *Guerreiro Ramos: entre o passado e o futuro*. – Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019.

CÉSAIRE, Aime. Discurso sobre o colonialismo. – São Paulo: Veneta, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 60, n. 21, p. 117-134, 2006.

CRUZ, Leonardo Borges da. O pioneirismo de Alberto Guerreiro Ramos nos estudos sobre hierarquias raciais : a gênese de uma formação discursiva pós-colonial. Tese [Doutorado] – Universidade Federal de São Carlos, 2014.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25–40, 2005. DOI: 10.5433/2176-6665.2005v10n1p25. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>. Acesso em: 9 out. 2023.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In LANDER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação na América Latina. São Paulo: Edições Loyola/Unimep, 1977.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. – São Paulo : Ubu Editora, 2020, p. 27.

FANON, Frantz. Por uma revolução africana: textos políticos. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FAUSTO, Bóris (org.). História Geral da Civilização Brasileira. Brasil republicano. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, t. III, vol. 10.

FERNANDES, Florestan. Sociedade de classes e subdesenvolvimento. São Paulo: Global, 2008, p. 23-25.

FIGUEIREDO, Angela, GROSGUÉL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. Cienc. Cult. [online]. 2007, vol.59, n.2, pp.36-41. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: mar 2023.

FILGUEIRAS, Fernando de Barros. Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. CADERNO CRH, Salvador, v.25, n. 65, p. 347-363, maio/2012.

FOLLMANN, José Ivo (Org) Dialogando com Jessé Souza. São Leopoldo, Casa Leiria, 2018.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte : Estação UFMG, 2009.

IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. *Estud. av.*, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 25-33, Abr. 1996. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 Abr. 2021.

IANNI, Octavio. *Pensamento social no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2004..

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953–1955). *Caderno CRH*, Salvador, v. 28, n. 73, p. 27–45, 2015.

MANOEL, Jones. O fantástico mundo de Jessé Souza: notas sobre uma caricatura do marxismo. *Opera: revista independente*, jan. 2021. Disponível em:
<https://revistaopera.com.br/2021/01/18/o-fantastico-mundo-de-jesse-souza-notas-sobre-uma-caricatura-do-marxismo/>. Acesso em: jul 2023.

MICELI, S. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil: 1930-1964. *Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS*, v. 2, n. 5, out. 1987.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

OLIVEIRA, L. L. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A sociologia de Guerreiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Guerreiro ontem, Guerreiro hoje. *RAP RIO DE JANEIRO* 31 (5):9-14. SET.IOUT. 1997.

PANDOLFO, Ana Cristina. *As veias seguem abertas: tráfico de bens culturais e colonialidades*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Histórica, Chapecó- SC, 2021, 201f.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: *Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo*. Rio de Janeiro: Andes, 1954.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Florianópolis: Insular, 2018.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Negro sou: A questão étnico-racial e o Brasil : ensaios, artigos e outros textos (1949-1973) : organização Muryatan S. Barbosa. 1ª Ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O processo da sociologia no Brasil: esquema de uma história das ideias. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1953.

RAMOS, Guerreiro. A Redução Sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências’ revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal) Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil.

BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOARES, Luiz Antônio Alves. A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico. – Rio de Janeiro : Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Márcio Ferreira de. Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional : a construção de um projeto para a nação. – Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.